

MARIA ESCOLÁSTICA ÁLVARES DA SILVA

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação de Mestrado
por Maria Escolástica Álvares da
Silva e aprovada pela Comissão Julgadora
em 29/06/87. Campinas, 29/06/87

A SUBMISSÃO DA MULHER

UM ESTUDO EM PSICANÁLISE SOBRE OS (DES)CAMINHOS DO DESEJO

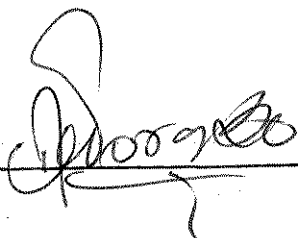
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

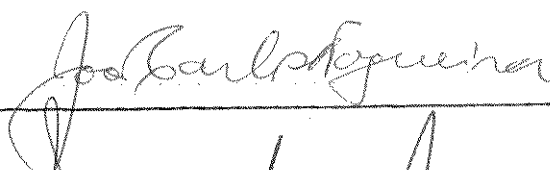
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

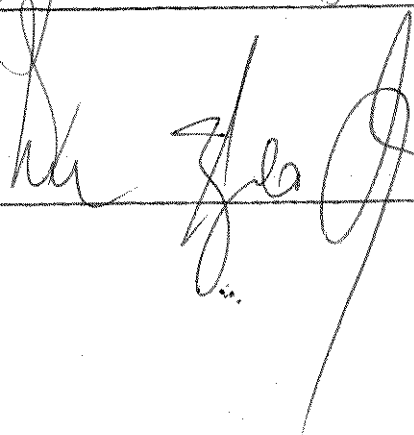
1 9 8 7

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

COMISSÃO JULGADORA

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "Jorge", written above a horizontal line.

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "João Carlos Aguiar", written above a horizontal line.

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "João", written above a horizontal line.

Quero dedicar este trabalho especialmente à Mônica e ao José Luiz, pela paciência e compreensão durante todo esse tempo de tese, em que tiveram de abdicar da mãe, para que a "outra" pudesse florescer.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Augusto João Crema Novaski

Meu Orientador

... que soube ouvir, esperar e acolher um desejo ainda verde e transformá-lo, ao sol de sábias palavras, numa fruta com sabor a madurecido. Sua Lição mais duradoura foi, para mim, de sensibilidade e afeto. Obrigada.

À Capes e ao Incentivo Acadêmico, pelo apoio financeiro que propiciou, a mim, condições materiais para realizar este trabalho.

Aos mestres Ruben Alves e João Carlos Nogueira, que aceitaram caminhar junto comigo por estes intrincados (des)caminhos do desejo.

Ao professor Aquiles Von Zuben, pelas palavras decisivas de encorajamento no momento certo.

Ao Admir, que me socorreu a tempo, com sua datilografia cuidadosa.

Ao Prof. Rogério Cesar Cerqueira Leite, que tanto contribuiu para a cultura durante sua presidência na CPFL, pelo precioso apoio financeiro ao SOS/Ação-Mulher.

Agradeço especialmente ao SOS/Ação-Mulher por este espaço, inaugurado pelo fluxo de desejos no feminino e sede de nossas conspirações em prol de seres mais felizes.

“

E a todas aquelas que têm sido minhas companheiras nessa conspiração... Maria José, Luciana, Zeza, Enza, Carol, Marisa, Helena, Fábio, Lucêlia, Cleier, Dulce, Nilva, Vera, Ophêlia...

ÍNDICE

	página
INTRODUÇÃO	1
SOS/Ação-Mulher: a origem da pesquisa - Um pacto absurdo com a violência - Raízes inconscientes da submissão da mulher - A ordem masculina do mundo - O desejo como objeto de reflexão filosófica - A hipótese do desvio do desejo na mulher - Propostas deste trabalho - Uma contribuição para a filosofia da educação - Zarathustra	
CAPÍTULO I - A TRANSA DO DESEJO	11
O eu e o "outro" em mim - Conhecimento e linguagem - A relação simbólica fundadora - Corpo e cultura - A linguagem como o lugar do desejo - A perplexidade da ciência: o enigma do ser - Alphaville e a ditadura das palavras - Lacan e o ser de linguagem	
a) O Caminho dos Ladrões	18
No jogo do desejo - A captura do sujeito pelo significante - A função materna - A imagem e o símbolo - Construções delirantes - A ausência do lastro simbólico	
b) O Caminho do Homem	21
A transmissão da Lei pela linguagem - O real impossível - O sujeito situado - O parentesco é uma linguagem: Levy-Strauss - A soberania da palavra - Estruturas inconscientes da subordinação - A econômica do desejo e sua capitalização social - Um inconsciente produzido - A mulher e o "phantasme" do corpo - Signos viciados da linguagem	

CAPÍTULO II - DAS METÁFORAS DO DESEJO	26
A realidade específica da mulher - O que é realidade em psicanálise - O jogo imaginário da libido - Sintoma e "resposta-objeto" - A cristalização do real - a reprodução de uma imagem - Produtor e produzido são um - De onde vêm os símbolos? A legitimação do feminino e os "lapsos" lingüísticos	
a) A Mulher Fetiche	30
A "falta-para-ser" - Falas fundadoras - O substrato inconsciente da humanidade: a língua - Regras de linguagem - A invisibilidade do gênero feminino - A soberania do masculino - O poder da linguagem na fabricação dos estereótipos - A hierarquia sexual - A mulher "falada" pela língua - Lacan e a mulher dif...amada	
b) A Mulher Mito	39
Submissão da mulher e contexto lingüístico - Um enigma - A mulher é "não-toda" - a produção do inconsciente feminino - Manipulações ideológicas do "phantasme" - A mulher é um sintoma - O alerta do movimento femininista - O desvio do desejo passa pela "perversão" - O mito do amor materno - A construção histórica da "natureza feminina"	
CAPÍTULO III - NO JOGO DOS SIGNIFICANTES	47
A violência contra a mulher começa com a palavra - A força dos significantes - O constructo edípico na psicanálise - Mecanismos subjacentes ao Édipo na sociedade - A superimposição de um modelo - Todas as mulheres são mal-ditas - Eva e Lilith - Investimento libidinal coletivo num imaginário -	

a) Um Brinquedo Perigoso	51
Estágio do espelho - A alienação constitutiva do ser humano - A mãe como porta-voz do Outro - As palavras e a fala - A inexistência de símbolos que legitimem o sexo feminino - Uma identidade problemática - Freud e sua teoria da <u>normatização</u> sexual feminina - Um "lapso" cultural: o prazer feminino - O olhar de Jocasta - O corpo in-vestido de palavras	
b) O Poder do Não-Poder	61
A psicanálise e a rede do pescador - Existe a "outra" - A inversão do desejo a um "estado de crença" - Deleuze/Guattari e a crítica ao Édipo - A concepção piramidal da <u>família</u> - Um desejo domesticado e envergonhado - A culpa <u>histórica</u> - O confisco do desejo de ter um filho pelo poder(de) ser mãe	
 CAPÍTULO IV - AS PAIXÕES DO EGO: O AMOR, O ÓDIO E A IGNO- RÂNCIA	 68
a) O Amor	68
A imagem especular e o tempo - A morte - O artifício de Eros e a criação da realidade - Os crimes da paixão - Perder o outro é perder a si mesmo - Roçando os limites do ser: a "passagem em ato" - O jogo fálico - O amor nasce da morte da imagem - As palavras maternas fundadoras - O "al- mor" da alma - A vingança de Circe - Os canais misteriosos da agressividade feminina - Uma leoa com seus filhotes: o delírio materno	

b) O Ódio	75
O "Manque-a-être" e o falo - A aparelhagem do gozo - O símbolo da diferença - Lilith Lua Negra - O mal e a mulher - A "tremenda verdade" filogenética - O ódio da mulher "por-baixo" - A contenção histórica da libido à-toda - O Ego e a Razão - Denegação do feminino - A destinação da mulher inscrita no corpo	
c) A Ignorância	80
A ficção do "eu" - O rei está nú de novo - A paixão é uma mentira - Eu sou o sintoma de mim - A "mascarada" - O jogo da sedução - Um vazio simbólico no corpo da menina - O desejo de ser desejada - O Falicismo - A defesa da masculinidade ameaçada - O des-caminho do desejo	
CAPÍTULO V - O ENIGMA	86
"Um ego tombado ao pilão" - O estatuto do que é visível, claro e distinto - Merleau-Ponty e a crítica da tradição cartesiana - Um mundo laborioso e sem mistérios - Nietzsche e a corrente dionisíaca - A verdade "trágica" do erotismo - O extremo prazer e a extrema dor - Castração e morte da imagem - Para além dos limites da linguagem - Bataille e a experiência religiosa do erotismo - Praxis e linguagem - Adam Shaff e os "óculos sociais" - Fabricação da realidade - A subversão do olhar - O "ploft" do desejo - O grande parceiro é o mundo	

CAPÍTULO VI - O DES-CAMINHO DO DESEJO	94
Corpo conhecido e corpo amado - O des-amor constitucional da mulher - O desinvestimento materno nos órgãos de prazer da filha - Um corpo desconhecido - Os símbolos e a praxis social - A homossexuação do mundo - O advento do "diferente", da "ou tridade" - A modelização do ser - Um objeto epistemológico - A educação e a reprodução do mesmo - Os outros e o "outro" de mim - A simbolização da diferença	
CONCLUSÃO	100
Retomando - Os universos do conhecimento - Configuração do <u>su</u> jeito - A ilusão da identidade - Nos limites da teoria psica- nalítica - As mediações ideológicas do sistema de produção de subjetividades - O objeto da paixão - Subsídios teóricos da psicanálise para a compreensão do sexo feminino - A colocação freudiana em termos de ter ou não-ter - Um jogo imaginário - Lacan e A mulher (mulher barrada) - Para além do falo - As <u>ma</u> nipulações sócio-políticas do desejo - Mulher é metáfora	
BIBLIOGRAFIA	107

! x

ASSIM FALOU ZARATUSTRA

"Por que, Zaratusstra, te esquivas sorrateiro no lusco-fusco? É que escondes tão cuidadosamente debaixo do manto?"

"Será um tesouro com que te presentearam? Ou um filho que te nasceu? Ou segues tu mesmo, agora, porventura, os caminhos dos ladrões, tu, o amigo dos malvados?"

"Na verdade, meu irmão — falou Zaratusstra —, é um tesouro que me deram de presente: é uma pequena verdade, isto que trago comigo".

"Mas é rebelde como uma criancinha; e, se não lhe tapasse a boca, gritaria com toda a força".

"Caminhava eu, hoje, sozinho, quando, na hora em que o sol se põe, encontrei-me com uma velhinha, que assim se dirigiu à minha alma:

'Muitas coisas Zaratusstra disse também a nós, mulheres, mas nunca nos falou da mulher'.

E eu lhe respondi: 'Da mulher, só se deve falar aos homens'.

'Fala da mulher a mim também', disse ela; 'sou velha bastante para esquecer logo as tuas palavras'".

"E eu fiz a vontade à velhinha e assim lhe falei:

Tudo, na mulher, é enigma e tudo, na mulher, tem uma única solução: chama-se gravidez.

O homem, para a mulher, é um meio: o fim é sempre o filho. Mas que é a mulher para o homem?

Duas espécies de coisas, quer o verdadeiro homem: perigo e divertimento. Quer, por isso, a mulher, como o mais perigoso dos brinquedos.

É preciso que o homem seja educado para a guerra e a mulher, para o descanso do guerreiro; tudo o mais é estultície.

Não gosta o guerreiro de frutos demasiadamente doces. Por isso, gosta da mulher; há ainda um travo amargo na mais doce das mulheres.

A mulher compreende a criança melhor do que o homem, mas o homem é mais criança do que a mulher.

No verdadeiro homem está oculta uma criança, que quer brincar. Ânimo, mulheres, descobri, pois, a criança no homem! Um brinquedo, seja a mulher, puro e delicado, semelhante à pedra preciosa, iluminada pelas virtudes de um mundo que ainda não nasceu.

Que a luz de uma estrela brilhe em vosso amor! Que a vossa esperança seja: "Possa eu dar à luz o super-homem!"

Que haja coragem em vosso amor! Deveis investir com o vosso amor contra aqueles que vos inspiram medo.

Que a vossa honra consista em vosso amor! No mais, pouco a mulher entende de honra. Mas que a vossa honra seja sem pre amar mais do que sois amadas e, nisso, nunca ficar atrás.

Que o homem tema a mulher, quando ela ama: é capaz de todo o sacrifício e qualquer outra coisa não tem, para ela, valor.

Que o homem tema a mulher, quando ela odeia: porque, no fundo da alma, o homem é apenas malvado, mas a mulher é ruim.

Que odeia a mulher mais que tudo? Assim falou o ferro ao lã: "Eu te odeio, mais que tudo, porque atraís, mas não és suficientemente forte para atrair-me a ti".

A felicidade do homem chama-se: eu quero. A felicidade da mulher chama-se: ele quer.

"Vê! O mundo acaba de atingir a perfeição!" — assim pensa toda mulher, quando obedece com a força inteira do seu amor. E obedecer, deve a mulher, e achar uma profundidade para a sua superfície. Superfície é o gênio da mulher, uma epiderme movediça e borrascosa numa água pouca funda.

Mas a alma do homem é profunda, seu caudal ressoa em caver nas subterrâneas; a mulher advinha-lhe a força, mas não a compreende.

Respondeu-me, então, a velhinha: "Muitas coisas gentis disse Zaratusstra, especialmente para as que são bastante jovens para isso.

Estranho é que Zaratusstra pouco conhece as mulheres e, ainda, tem razão a seu respeito! Será que isto acontece porque, a mulher, nada é impossível?

E agora, como agradecimento, recebe uma pequena verdade!

Afinal, sou suficientemente velha para dá-la.

Enrola-a tapa-lhe a boca, senão essa pequena verdade gritará com toda a força".

"Dá-me a tua pequena verdade, mulher!", disse eu. E assim falou a velhinha:

"Vais ter com mulheres? Não esqueças o chicote!"

Assim falou Zaratusstra.

INTRODUÇÃO

A preocupação com o tema desta tese surgiu após o meu envolvimento com uma entidade denominada SOS/Ação-Mulher, da qual fui uma das fundadoras, e que tem por objetivo principal o atendimento jurídico e psicológico à mulheres vítimas da violência machista.

Lidar com esse tipo de problema nos permitiu conhecer uma realidade verdadeiramente absurda, de cuja complexidade até então não suspeitávamos. Surpreendia-nos, por exemplo, o fato de uma mulher viver durante mais de 20 anos com um homem que a surrava freqüentemente, vivia embriagado e não sustentava a família. Em muitos casos havia a compreensão do mal que esse tipo de relacionamento causava nos filhos. Muitas vezes nos perguntávamos o que poderia prender uma mulher a uma situação como esta, sendo que algumas tinham o seu emprego e mantinham economicamente a casa, ou seja, não dependiam materialmente do marido.

Tivemos conhecimento de casos realmente incríveis, como o de uma senhora que nos procurou — 10 anos depois! — para saber sobre os seus direitos. Logo no início do casamento ela e o marido se desentenderam e ele jogou uma garrafa de álcool sobre seu corpo, ateandando fogo em seguida. Em consequência disto ela passou 2 meses internada num hospital, com queimaduras de 1º grau, perdeu o filho de 4 meses que esperava e ficou com o corpo todo cheio de marcas da violência sofrida. No entanto, voltou a viver com ele por mais 10 anos...

Pudemos comprovar estatisticamente que a maioria das mulheres se submetem mesmo a situações de degradação física e moral, e se adaptam ao papel de vítima com muita naturalidade. Sentem-se mais

"aceitas" no meio em que vivem dentro desse papel. Falam com um misto de indignação e resignação de ponta-pés no ventre, tentativas de enforcamento, agressões com tesoura ou faca de cozinha, violência sexual (do pai ou do próprio marido), ameaças de morte, etc.

Sabemos que o par vítima/agressor forma um casamento "perfeito" e é muito difícil atuar nesses casos crônicos de violência, principalmente porque nenhum dos dois aceita fazer uma terapia; ele diz que não precisa, ela que não tem tempo. As únicas vítimas inocentes são os filhos, que realmente sofrem abalos psicológicos graves por causa das cenas que presenciam, e não podem contar com nenhuma ajuda externa.

Mas, paralelamente a esta situação, na qual ambos, marido e mulher participam enquanto cúmplices de um mesmo jogo, há uma outra correndo junto, sorrateira e silenciosa. Sabemos, por exemplo, que não basta ter consciência desses problemas, um diploma de Universidade, um bom emprego e uma situação respeitável em sua profissão. Andando pelo Parque Taquaral, numa manhã de domingo, tive de me submeter aos gracejos pesados de um grupo de rapazes que passavam, conta uma advogada da OAB. Eles faziam gestos, ruídos com a boca e me agrediram com palavras obscenas. Eu não tive outra alternativa senão abaixar a cabeça.

Isto mostra bem o estatuto de objeto que tem a mulher em nossa sociedade. Eles não viram a mulher que passava, uma pessoa, um ser humano. Viram um objeto sexual, ao qual podiam lançar seus dejetos verbais sem maiores conseqüências.

Sim, porque a mulher não está em condições de se defender. Seus músculos não foram fortalecidos pelas corridas de bicicleta nem pelos jogos de futebol com a turma. Até mesmo sua agressividade é mais recatada, mais controlada, mais contida, justamente por ter sofrido quando criança a opressão das "boas-maneiras".

Por outro lado haveria o recurso de apelar para as autoridades, dar queixa por ofensa moral. Mas a experiência tem demonstrado que justamente lá onde deveriam receber apoio e respaldo policial, as mulheres recebem em cheio olhares cúmplices, alusões maldosas sobre seu comportamento, ofensas subliminares dos próprios policiais.

Tudo conspira para manter as mulheres à nível de objeto sexual. Quantas vezes não temos ouvido de delegados, médicos e padres o famoso conselho "de amigo"? "Não abra inquérito, filha. Não vale a pena. Você foi estuprada, espancada, sofreu ameaças de morte, está cheia de contusões, passou pela pior das humilhações, mas está viva! Dê graças por isso..."

O que estamos querendo sugerir é que realmente existe uma violência específica contra a mulher, e que vai muito além dos "espancamentos em família". Ela se torna tanto mais grave quanto mais se institucionaliza, dificultando drasticamente a autonomia da mulher na sociedade. Ao se institucionalizar, esta violência específica compõe um quadro que aterroriza as mulheres e faz com que, muitas vezes, preferiram suportar um marido violento em casa. A maioria das razões alegadas pelas mulheres para não recorrerem à separação, tem sido a questão econômica. Elas têm medo de não conseguir arranjar um emprego, sabem que o salário da mulher é mais baixo que o dos homens, e receiam perder a pensão do ex-marido.

Na verdade, sabem que não existe nenhuma infra-estrutura social para uma mulher trabalhar fora de casa. Primeiro, a questão das creches para os filhos que, como todos sabem, são insuficientes. Para os filhos maiores de 7 anos há o problema do 1/2 período — quem fica com eles no 2º período? Depois, a exaustiva dupla-jogada, os salários de 30 a 60% mais baixos para as mulheres, a discriminação nas empresas, a humilhação dos testes de gravidez, etc.

A educação diferenciada que recebeu na infância, na verdade, não teve por objetivo torná-la diferente em-si, acentuar a sua "outridade", mas sim, diferenciar os papéis sexuais para melhor definir as relações de poder entre os sexos.

Isto é facilmente constatável nas relações familiares, onde os espaços são determinados não pela diversidade dos desejos, mas pelo papel sexual de cada um. Assim considera-se (e a própria mulher o considera) perfeitamente natural que, após as 8 horas diárias de trabalho fora de casa, seja ela a responsável pela alimentação da família, pela limpeza da casa, pelo bom estado das roupas de todos, e, evidentemente, também pela educação dos filhos.

Nas famílias de classe média há uma nítida preocupação da mulher com o interesse sexual do marido. Isto significa gastos extras de tempo e dinheiro, com roupas, sapatos, bijouterias, cabeleireiro, manicure, ginástica, etc.

Bem, tudo isso somando-se à violência física, caracteriza o que geralmente chamamos de violência específica contra a mulher. É aquele fundo tornado invisível porque considerado "natural" e inerente à condição feminina; tanto que elas próprias mal se dão conta de que o seu cansaço — costuma-se dizer que a mulher "acaba" mais depressa do que o homem! — é consequência desse desgaste a mais ao qual é submetida.

Nesse ponto esbarramos na questão fundamental para nós, aquela inclusive, que inspirou este trabalho. O que impede que a mulher se liberte dessa sobrecarga, dessa opressão, dessa violência específica que, todavia, carrega nos ombros? O que a torna excepcionalmente submissa, cordata, acomodada? O que a impede de sacudir tudo isso e virar a mesa?

Há quem atribua tudo isso ao processo de educação simplesmente. Sem negar ou confirmar esse postulado, pretendemos apenas,

no decorrer deste trabalho, mostrar os pontos onde a educação se cruza continuamente com o desejo. Para isto utilizaremos o instrumental psicanalítico e também filosófico, na medida em que ambos contribuem para a compreensão do ser humano como um ser de desejo.

Ao ser incorporado, na reflexão filosófica, o "achado" psicanalítico, um campo incomensuravelmente mais vasto se abriu para a filosofia, que, deixando seus pressupostos racionalistas abriu-se para o estudo do inconsciente e suas formas de manifestação. Foi aí que o estudo da linguagem surgiu, então, como um ponto de convergência das investigações filosóficas: Wittgenstein, Husserl, Heidegger, as escolas de exegese religiosa, a antropologia, as pesquisas linguísticas e, finalmente, a psicanálise¹.

Após Freud a linguagem se tornou, no sentido filosófico do termo, um "problema", na medida em que passou a ser entendida como o lugar da emergência de sentidos, o campo do simbólico, lugar onde o desejo se des-vela, se faz presença/ausência pela palavra. Segundo Cassirer, os símbolos tem a função de mediação universal da consciência, a forma pela qual o sujeito constroi o seu universo de percepção. Portanto, a não-imediaticidade de nossa apreensão do real nos é dada pela "função simbólica"² da linguagem.

Ricouer nos fala de uma "arquitetura do sentido", enquanto Lacan se refere à "cadeia de significantes" que nos percorre enquanto lugar de vazão do desejo. Portanto, pode-se dizer que também a filosofia tem como objeto um ser que só torna humano pelo desejo.

É nesse contexto, pois, onde tanto a filosofia como a psicanálise têm tanto a dizer, que se insere a nossa pesquisa sobre como se situa a mulher nesse universo linguístico.

1. Paul Ricœur, *Da Interpretação*, p. 15.

2. Idem, p. 20.

Em várias oportunidades pudemos observar, em nosso trabalho no SOS/Ação-Mulher, o poder das palavras, o jogo simbólico que estabelece com a verdade, através de expressões muito ricas como "...eu não vivo mais..." ouvidas da boca de muitas mulheres. Por palavras como essas perpassa a renúncia ao desejo.

Ora, renunciar ao desejo é renunciar à vida. Ao analisar mais detidamente essa problemática verificamos que essa "renúncia" não ocorreu após a violência sofrida por ela; nem após o casamento ou da compreensão de que sua autonomia era um sonho impossível. Sua origem é anterior a tudo isso e remonta, possivelmente, ao berço.

A hipótese que vamos desenvolver nesse trabalho se funda, pois, na observação de dois fatos relevantes:

- 1º) Embora as exceções existam, acreditamos que a maioria quase absoluta das mulheres é atingida pela força de certos significantes, palavras de poder que desviam o seu desejo na origem, canalizando-o para determinado papel social. O estado psíquico de submissão, constante entre as mulheres, seria consequência da alienação do desejo;
- 2º) Ao mecanismo psíquico de renúncia ao desejo, na mulher, corresponderia a instituição de determinada realidade social, onde tudo converge para a manutenção e o reforço desse estado. Corresponderia ao que chamamos de violência específica contra a mulher, caracterizada por uma série de situações arbitrárias tomadas como "naturais".

Nesse quadro se inclui a crença de que "mulher gosta de apanhar" ou de que "em briga de marido e mulher ninguém deve meter a colher" porque é dever do marido zelar por sua autoridade em casa.

Inicialmente pretendemos questionar o conceito comum de realidade como um dado objetivo e real, introduzindo a idéia de construção subjetiva da realidade. Sendo esta construção da ordem da

7

economia do desejo, iremos tomá-lo como fator relevante para a existência humana, onde interior e exterior se confundem num jogo de projeções imaginárias e simbólicas.

Em seguida, tomar o corpo como a inscrição do significante primeiro — a Lei — e evidenciar a diferença dessa inscrição no menino e na menina. Buscar, na linguagem, a instância simbólica que (nesse contexto) introduz não a diferença sexual, mas, a (in)diferenciação sexual, como forma codificada de se manter a lei do patriarcado.

Isto significa expor o falo à sua condição de universal, portanto, de totalidade. Evidentemente que, elevada em absoluto, a libido masculina exclui o outro sexo, o "diferente". Feminino passa a ser então não mais que imagem invertida, projeção imaginária, o eco, a sombra, o complemento para o homem fático.

A generalização na qual podem incorrer certos conceitos neste trabalho, não se referem, contudo, aos casos particulares que atendemos no SOS/Ação-Mulher. Embora estes tenham deflagrado a pesquisa, na verdade este estudo tem por objeto uma determinada ordem do mundo, que transparece em todos os níveis da realidade social — da religião à política internacional — e que estabelece o masculino em absoluto através de seus valores morais e ideológicos, assim como anula, conseqüentemente, o "diferente", o feminino, a mulher.

É nesse contexto de homossexualização do mundo que colocamos nosso estudo sobre a problemática da mulher e a condição de seu desejo.

A questão do símbolo, nessa abordagem, adquiriu uma importância fundamental, na medida em que coloca, de saída, um problema para nós: se o símbolo é um instrumento de re-ligação, re-união, aquilo que permite a vivência subjetiva da separação, a realidade de verá surgir naturalmente como a configuração instituída desse processo.

so. Ora, retomando o conceito anterior de "homossexualização" do mundo — e Freud o confirma: só existe uma libido, a masculina — a quem os símbolos re-ligam senão ao si-mesmo, ao igual, ao mesmo? Disse Caetano: Narciso só reconhece o que ele vê no espelho...

O 2º problema é que, como veremos no que se refere à mulher, existem verdadeiros "lapsos" na linguagem instituída, buracos semânticos por onde passam as representações ambíguas que irão influir na constituição feminina. O presente estudo vai abordar justamente esses lapsos e as conseqüências que isto pode ter a nível da configuração simbólica e imaginária na mulher.

Portanto, o objeto desse estudo é não a mulher vítima da violência especificamente, mas uma realidade doente que produz este sintoma na sociedade. Nela, como veremos, tanto o homem como a mulher vivenciam uma perda simbólica, que é a própria capacidade de simbolizar a diferença, a outridade. Presos no imaginário, ambos sobrevivem especularmente sob as projeções doentes de um sobre o outro.

Uma outra questão para a qual este estudo talvez possa de alguma forma contribuir, e que é muito cara às mulheres que pesquisam esta problemática, é a questão da educação. Ou seja, até que ponto seria a educação discriminatória a grande responsável pelo estatuto de inferioridade social da mulher? Pode-se atribuir à educação o poder de transformar as relações entre os sexos?

Acreditamos que, na medida em que introduzimos o desejo, tomado no sentido psicanalítico do termo, na análise da problemática da mulher, estamos promovendo uma reflexão relevante inclusive sobre a filosofia da educação. Isto porque a questão do desejo traz à tona o símbolo, que é o suporte para que o desejo possa fluir. Como fica a educação, se nos lembrarmos que a função do símbolo é, segundo sua raiz etimológica, a de re-ligar, re-unir coisas separadas?

Lidamos com representações simbólicas o tempo todo, sem perceber que estamos continuamente re-ligando o mesmo ao mesmo, o igual ao igual, Narciso a Narciso, sem deixar espaço para que o "novo", o "outro" possa eclodir. Abrir-se para o diferente, eis uma proposta para a educação que tem profundas implicações com a eclosão do "outro" sexo, o feminino, na sociedade.

A diferença sexual é sempre instigante, porque o enigma que comporta abala a segurança do ego. O "outro" é sempre o desconhecido, isto é, o não-igual a mim. No momento em que a consciência reconhece os seus limites e in-corpora a diferença, abre-se uma porta para o novo, para o amor, para a criatividade. Isto signifi-ca que não basta acenar com novos métodos em educação visando despertar a imaginação e a criatividade dos alunos; não há nada que passe para o real sem ter sido antes in-corporado, en-carnado. O verbo tem que se tornar carne para se produzir a existência.

Isto significa apenas que é preciso vivenciar no prôprio corpo o abalo narcísico de que existe o "outro", aquele absolutamente desconhecido de mim.

Talvez agora fique mais claro o porquê de utilizarmos frases de Nietzsche/Zaratustra para iniciar os capítulos que se seguem. É muito significativa esta página de seu livro "Assim Falou Zaratustra" sobre as mulheres, porque revela, de forma clara e transparente todo o jogo de projeções inconscientes do próprio autor. Jogo este que é deflagrado quando o símbolo da "diferença" não passa pelo caminho do corpo. A consciência (ego) invade tudo, negando espaço para que o des-conhecido seja vivenciado.

É quando o outro sexo passa a ser a representação de um perigo que o ameaça sempre, símbolo vivo da castração iminente que, todavia, não passou pelo caminho do simbólico. Ou seja, é por não ter sido simbolizada que a castração assume esta forma de perigo

real, representado pela mulher. Nesses casos, o homem pode passar toda sua vida se defendendo/agredindo de mil maneiras, daquela que (projetivamente) quis destruí-lo, devorá-lo. As representações mitológicas da "vagina dentada", causadora da impotência entre os homens, é um exemplo desse medo ancestral não da mulher, mas da "diferença" que ela representa.

Interessante, no caso de Nietzsche, o quanto ele se aproximou do "outro", do des-conhecido, mas pela via do intelecto. Pressentiu os limites da razão, o seu "outro" lado, obscuro e inacessível, mas não deu o passo seguinte que seria in-corporar, en-carnar o símbolo da diferença no sexual.

Por isto teria colocado na boca da velhinha todo o seu ódio/amor por aquelas que continuamente frustrariam o seu desejo de ser o falo: "Vais ter com mulheres? Não esqueça o chicote..."

CAPÍTULO I

A TRANSA DO DESEJO

"Porque, Zaratustra, te esquivas sorrateiro, no lusco-fusco? E que escondes tão cuidadosamente debaixo do manto?"

Na verdade, se não houvesse um manto onde esconder "aquilo", certamente morreríamos de vergonha. Ou então, o mundo seria outro. Existe algo para além do qual efetivamente podemos falar sobre ele. E que, embora só se expresse atravês do discurso, está aquêm dele. Escorrega, sorrateiro, por debaixo do manto do ego e da consciência, no lusco-fusco dos sonhos, sempre que se abre momentaneamente um hiato de luz. Parece que estamos condenados a só existir por lampejos ocasionais, numa cadeia de significantes que nos fala. "A natureza ata as suas espêcies por uma rede, não por uma cadeia; mas, os homens só podem seguir cadeias, pois são incapazes de apresentar várias coisas, ao mesmo tempo, em seu discurso"¹. Como Sísifo, há algo que arrastamos montanha acima e que, inexoravelmente nos arrasta montanha abaixo. Mais de dois mil anos de História vem registrando o que dizem "disto" sábios e filósofos...

Mas, são os poetas, como disse Rimbaud, que nunca sabem o que dizem, que o dizem, no entanto, antes dos outros. Talvez porque isto não seja da ordem do saber. O saber enumera, cataloga, qua

1. Citação do poeta Albert Von Haller in Isidoro Blikstein, *Kasper Hauser, ou a Fabricação da Realidade*. Cultrix, São Paulo, 1983, p. 68.

lifica, dita e edita tudo que... re-conhece. Sócrates já dizia que todo ato de conhecer implica uma reminiscência, e isto definiu uma nova metodologia, a maiêutica. Através de pequenos re-conhecimentos chega-se à resposta, que precedeu, portanto, à pergunta.

Talvez o ato cognoscente, em si, não seja um dom especial, mas consequência da imersão de todos os aspectos da realidade num caldo lingüístico que os nomeia a partir de um referencial comum, que é o corpo humano. É por este motivo que

"parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos cujo significado possa existir fora da linguagem. Perceber o que significa uma substância é, finalmente, recorrer ao recorte da língua; sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem" 2

Por causa disto já nascemos com uma pergunta na boca: quem quer de mim? — pergunta que já indica um não-saber originário e que irá se constituindo à medida que vier do outro uma resposta. O "infans" espera do outro um Nome, uma resposta que irá juntar as partes do seu corpo num todo organizado, uma palavra que irá nomear os fluxos ainda não codificados do seu desejo. Somos inexoravelmente pegos, ao nascer, pela armadilha da linguagem. A partir daí tudo vira um jogo de repetição.

Toda a pretensa clareza da realidade advém de uma crença mais ou menos clara nas projeções de nossa subjetividade. Sendo pois, o discurso, o manto que encobre essa falta originária que se chama desejo,

"seria inútil querer interpretar as (próprias) estruturas lingüísticas sob o ponto de vista das pretensas estruturas objetivas da realidade: é preciso começar por

2. Roland Barthes, *Tratado de Semiótica Geral*. Lumen, Barcelona, 1977, p. 282.

estabelecer que não se trata de estruturas da-realidade, mas de estruturas impostas à realidade pela interpretação humana". 3

Ao pesquisar escritos antropológicos, Freud percebeu que, em determinadas organizações sociais primitivas, os homens tomavam as coisas do mundo como semelhantes a si mesmos, e à sua consciência⁴. Isso o levou a compreender que "se o discurso simbólico do inconsciente toma emprestado os elementos de seu código das partes do corpo, é porque justamente são essas partes aquelas que intervêm nas primeiras demandas"⁵. Esta relação simbólica fundadora e constitutiva do sujeito é, ao mesmo tempo, o substrato de onde são tomados os elementos que vão nomear o campo daquilo que, em psicanálise, se chama de imaginário. Ora, esse campo, cujos limites constituem o universo lingüístico, é especificado por Safouan como "um campo ao mesmo tempo vasto e reduzido, visto que se reduz inteiramente, apesar de sua imensa riqueza, à forma do corpo humano ou a qualquer desta ou daquela de suas partes"⁶.

A contribuição de Freud ao problema da linguagem para a compreensão do ser humano é que ele introduziu, na questão do símbolo, a sua filiação libidinal. Tudo que é representado simbolicamente é o corpo⁷. Isto significa que, a partir das primeiras experiências pré-genitais da criança com seu corpo, se estrutura esse campo fantasmático e imaginário que dará, todavia, a consistência e a qualidade dos afetos.

3. E. Coseriu, *Princípios de Semântica Estrutural*. Gredos, Madrid, 1977, p. 103.

4. ~~Totem e Tabu in Sigmund Freud, Obras Completas.~~ Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 1805.

5. Moustapha Safouan, *Estudos sobre Édipo, Introdução a uma Teoria do Sujeito*. Zahar, Rio de Janeiro, 1979, p. 108.

6. Idem, *Ibidem*.

7. Paul Ricoeur, *Da Interpretação*. p. 403.

Embora a derivação libidinal dos objetos, muitas vezes, não se deixe transparecer de forma clara, admite-se uma conexão profunda que remonta às suas raízes inconscientes. Freud, com os nomes de estágio oral, anal, fálico e genital definiu os momentos de fixação da libido a determinados pontos do corpo no processo de desenvolvimento da criança. Mediante conceitos como "conversão" ou movimentos da pulsão, ele explicou esta passagem da libido para as coisas através de palavras que as designam, perfazendo a "transposição das emoções pulsionais de certas zonas erógenas para objetos aparentemente estranhos"⁸.

Assim, não só o "phantasme" (idéia do corpo próprio) é um "phantasme" de palavras, como também toda a realidade humana, na medida em que ela se constitui a partir das projeções simbólicas do inconsciente. Corpo e cultura seriam, pois, dois momentos de um mesmo campo libidinal.

Toda a perspectiva psicanalítica estabelece que é o desejo o agente organizador dessa aventura humana codificada em linguagem. E "realidade" se torna, pois, um certo olhar, uma certa visão de coisas nomeadas. Numa passagem de Crátilo, Sócrates define o nome como um instrumento para discernir a realidade. Todavia é preciso ter em mente que este termo, numa tradição filosófica, vem do grego "ousia", cuja raiz "einai" significa ser. Portanto, realidade a travessada pelo ser.

Freqüentemente nos esquecemos que a língua é apenas o manto que encobre nossa nudez. Herdamos da concepção platônica um certo vício epistemológico que dirige o nosso olhar para nada mais que uma concepção funcionalista da linguagem, uma fé na sua função de instrumento de verdade para o conhecimento. Ora, é na subversão

8. Paul Ricoeur, *Da Interpretação*. p. 409.

da linguagem que o desejo se faz mais luminoso...

Há uma outra vertente, representada por Nietzsche, que diz que as palavras existem para que possamos gozar das coisas. Essa idéia, de uma certa forma, foi retomada pela psicanálise, em sua concepção de sintoma — uma gozação do desejo para ludibriar a censura — e também por toda uma prática que visa retomar, pelo viés da subversão da linguagem, a fala plena do desejo.

Segundo a teoria lacaniana, o inconsciente, embora não sendo um discurso, se revela assim "estruturado como um discurso" um discurso que está aí antes que o sujeito compreenda qualquer coisa, antes mesmo que suspeite que há discurso. Daí a afirmação de que o desejo é inarticulável porque já articulado nesse discurso do inconsciente.

"Mas, se ele já está articulado desse modo, não será por que ele é inarticulável nos símbolos da linguagem comum? Chegamos, pois, à seguinte questão: como resulta que, da prisão do sujeito na cadeia da linguagem, alguma coisa se destaque dele, nomeadamente este inarticulável de seu desejo". 9

Em *Solaris*, do cineasta russo Andrei Tarkovski, uma situação mais mítica que real, coloca três cientistas diante de um enigma que ultrapassa suas capacidades de (re)conhecimento. Tudo levava a crer que os fluídos de um oceano cósmico tinha o estranho poder de materializar os desejos inconscientes dos três homens ali reunidos. Ocorre que, não somente a perplexidade diante do material desconhecido que emanava deles mesmos, mas o choque de serem colocados face a face com os limites da razão e do entendimento, foi levando cada um deles à demência, ao suicídio, ao estupor. O abalo narcísico.

9. Moustapha Safouan, *Estudos sobre Édipo, Introdução a uma Teoria do Sujeito*. Zahar, Rio de Janeiro, 1979, pp. 106-107.

co foi tão violento que fez com que aqueles três cientistas, literalmente, morressem de vergonha.

O desejo coloca o ser humano face a face com o próprio enigma do ser. Que, ao ser formulado, já se torna uma questão de conhecimento, de não-ser. A verdade só se mantém enquanto não formulada; do contrário, será uma crença.

O sujeito da psicanálise é um acrobata que busca um equilíbrio entre estes dois pólos. Diante desse descentramento, dessa falta que o constitui no mundo como aquele que subjaz sob uma determinação, a psicanálise retoma o discurso do desejo e o situa em relação com um sujeito definido unicamente pela sua articulação com o significante. Eis que ela não se funda, pois, em nenhuma crença de arquétipos divinos, mas sim, no fato de que o inconsciente, ou seja, aquilo indizível, impensável, infalável, tem a estrutura radical da linguagem, e que nele, o material opera segundo as mesmas leis descobertas pelos estudos dos lingüistas¹⁰. Estas estruturas são a metáfora e a metonímia. Através delas o sentido se faz presente no sujeito.

Em Alphaville, de J.L.Godard, os poetas foram banidos do país, assim como também foram abolidas do dicionário aquelas palavras dotadas de poderes estranhos, como amor, chorar, consciência, por-do-sol... na soberania da lógica tudo pode ser previsto, menos a infiltração do desejo, que pode subverter até a ordem das letras. Por este motivo as ditaduras políticas, que têm assombrado o mundo, elas próprias se assombram com seu pesadelo constante de um fluxo que se furtaria a seus códigos. É que a língua, embora seja a grande matriz dos símbolos — ou talvez por isto mesmo, deixa de ser

10. La Direction de la Cura Y los Principios de su poder, in Jacques Lacan, *Escritos*. Ed. Siglo XX, Ed. espanhola, p. 226.

fascista quando, subvertendo os significados, ela subverte as significações.

A psicanálise, enquanto prática de subversividade, resiste à artilharia pesada dos significados e se infiltra, sorrateira, no lusco-fusco dos sonhos, no rastreamento dos desejos. O sonhador é um coreógrafo nato, perito na arte de integrar os gestos num sistema de símbolos, que sopram desejos através do deslizamento dos significantes. Não há desejo que não passe, de uma forma ou de outra "pelos desfiladeiros do significante"¹¹.

Jacques Lacan, que visava assegurar uma prática coerente da psicanálise, ou seja, uma prática que tivesse "a linguagem por campo e a palavra por meio"¹² afirmou que

"o inconsciente nada mais é do que a língua, enquanto ela se subtrai às intenções do sujeito e as ultrapassa. Afirmação esta que não deve nos surpreender além da medida, se, derrubando um preconceito secular, lembrarmos que a língua não tem sua sede no sujeito, mas, ao contrário, engloba-o".¹³

Ao remontar as raízes dessa destinação, encontramos, "na prematuração genérica do nascimento, a própria luta que o *instaura*"¹⁴ como sujeito. Guardemos, pois, este ponto, que é de fundamental importância para o trabalho que se segue: na sua origem, a subjetividade não tem nenhuma relação com o real, mas com uma sintaxe que aí engendra a marca significante¹⁵.

11. Subversão do sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente freudiano, in *Escritos*. Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 294.

12. Moustapha Safouan, *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*, Ed. Artes Médicas, RS, 1985, p. 68.

13. Idem, p. 294.

14. Citação de Lacan in Catherine Clément, *Vidas e Obras de Jacques Lacan*, Ed. Moraes, São Paulo, 1983, p. 66.

15. La Dirección de la Cura Y los Principios de su Poder, in Jacques Lacan, *Escritos*. Ed. Siglo XX, ed. espanhola.

a) O Caminho dos Ladrões

"... *será que segues o caminho dos ladrões, tu, o amigo dos malvados?*"

A transa do desejo é um jogo no qual estão envolvidos não só o sujeito, mas toda a trama social, e onde estão previstas apenas 3 possibilidades: pode-se jogá-lo, aceitando suas regras; não jogá-lo, recusando suas regras ou trapacear no jogo, subvertendo suas regras.

Entretanto, nós vivemos um engodo colossal, ao supor que podemos escolher nossa posição nesse jogo. Tudo é uma questão de como se dá a captura inicial do sujeito pelo desejo, de como ele é colocado na estrutura que o conformará segundo a Lei ou fora da lei. Na verdade, a armadilha já estava preparada muito antes que ele surgisse no mundo, tal como seu berço, suas roupas, seu sobrenome. Não se trata, pois, de uma escolha, mas de uma consequência.

O que Freud nos ensina, e Lacan retoma no seu texto "A Carta Roubada", é que "não somente o sujeito, mas, os sujeitos são tomados em sua intersubjetividade (...) e que, mais doces que carneiros, modelam seu próprio ser sobre o momento que os percorre da cadeia de significantes"¹⁶. Isto significa que é o deslocamento do significante que "determina os sujeitos nos atos, no destino, nas recusas e nas cegueiras, nos sucessos e na sorte, não obstante seus dons inatos que, quer queiram quer não, seguirá o curso do significante com armas e bagagens tudo que é do dado psicológico"¹⁷.

16. A Carta Roubada, in Jacques Lacan, *Escritos*. Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 37.

17. Idem, *Ibidem*.

Fazendo uma analogia com a carta roubada e o significante, que ele define como sendo, por natureza, "o símbolo de uma ausência", Lacan nos mostra como intervêm a subjetividade na ronda do do significante, cujo desvio (o roubo da carta) é o que define as entradas e os papéis dos sujeitos na cena. Assim, "ao passarem sob a sua sombra, eles se tornam o seu reflexo. Ao caírem de posse da carta — admirável ambigüidade da linguagem, é o seu sentido que os possui"¹⁸.

Retomando, pois, a noção de "Spaltung" ou a falta constitucional do sujeito, vimos que é da forma pela qual ele é conformado pelo significante originário, que se dará sua posição no jogo do desejo. A apreensão do mundo que o cerca está em relação direta com o modo pelo qual ele se relaciona com esta falta. Na verdade, isto que chamamos "castração", para além de seu aspecto imaginário — perda do pênis — tem o lastro no simbólico. A ameaça da castração é a perda de algo mítico, perda de algo que nunca se teve realmente.

Ao nascer, o "infans" chora e a mãe (ou alguém que ocupe a função materna) se antecipa, nomeando o seu desejo. Ao lhe oferecer o seio, ela dá início a toda uma série que irá se constituir como o circuito psíquico substitutivo do desejo. Ou seja, a satisfação de suas necessidades (fome, sede, frio) se irá substituir à satisfação do desejo. A partir dessa matriz ou desse circuito inicial, o desejo, embora esteja aquém da demanda, se apresentará sempre como uma demanda, um pedido, uma pulsão. Por iso, o que o choro da criança pede à mãe é muito mais do que ela pode lhe dar.

A função materna e o efeito antecipador de seu discurso, porque agindo na fase mais precoce da vida psíquica infantil, — dotam a mãe de um poder quase absoluto no processo de transmissão do lega

18. A Carta Roubada, in Jacques Lacan, *Escritos*. Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 37.

do humano. A dependência total do "infans" o coloca pendente de algo que lhe permita existir como um corpo unificado, concreto, único. Esta imagem de si ele irá captando no espelho do olhar de sua mãe. É ela quem irá nomear o seu desejo, quem irá acordar as partes de seu corpo mediante toques e palavras permeadas de libido. Isso a coloca como representante da Lei, o portavoz do Outro (grande outro), pois, responder ao desejo do "infans" é também introduzi-lo no universo do simbólico. A palavra porta a morte da coisa. Falar é, ao mesmo tempo, confessar a impotência humana. O inexorável distanciamento em relação à unidade.

Nesse momento que poderíamos chamar mítico, pois que se refere a um momento suspenso numa ordem que transcende o particular e o individual, embora seja vivido de forma absolutamente original e particular, nesse momento em que se dá a captura do sujeito pela linguagem, começa o grande jogo da vida. Colocado em determinado lugar pelo desejo de sua mãe, o sujeito passa a se mover, daí então, determinado por esta posição inaugural. Que tem a ver, por sua vez, com a maneira pela qual a mãe lida com sua própria falta.

A iniciação na senda do desejo é sempre feita por uma mulher também iniciada. Este ritual sagrado passa, para a mulher, pelo reconhecimento de que lhe falta algo (que, segundo Freud, imaginariamente atribui à falta de um pênis) e que ela suporta esta falta. Ao se tornar mãe, portanto, esta mulher iniciada responderá ao desejo de seu filho do lugar de uma falta, abrindo para ele o universo simbólico. Isso o colocará dentro de um jogo com perfeito conhecimento de suas regras.

Mas existe uma outra possibilidade: a de que a mãe não seja uma iniciada. Tendo recusado as regras do jogo ela nega que lhe falte algo, atribuindo ao filho o estatuto de objeto complementar, ou seja, aquele que está para ela como o objeto de seu desejo.

Colocado assim no lugar do falo, a criança não tem como constituir-se a partir de uma falta, porque não houve o distanciamento, não houve ausência, tudo se cola numa só imagem onipotente, que é a imagem materna. Impedida de habitar no simbólico, esta criança inevitavelmente crescerá como um apêndice da mãe, e todo seu relacionamento posterior com as outras pessoas será fortemente marcado pela busca imaginária daquela mãe todo-poderosa.

Isto a coloca no "*caminho dos ladrões*". Usamos esta analogia para indicar que aquilo que faltou para constituir-se como sujeito, a lei da interdição do incesto, será roubado ao real. Ou seja, o seu caminho será pontilhado por delírios, projeções, formas artificiais de se criar no real um lastro simbólico, que possa sustentar sua frágil constituição subjetiva. Tudo que ele precisa é de um ponto de apoio, um fundamento, sem o que seu edifício imaginário ameaça continuamente desmoronar.

b) O Caminho do Homem

"Na verdade, meu irmão, falou Zaratustra, é um tesouro que me deram de presente, é uma pequena verdade, isto que carrego comigo".

Vimos que a linguagem é a grande festa totêmica que permite à horda humana a transmissão da Lei. Junto às pequenas proibições existe a grande proibição. Para além das restrições morais, há um corte que instaura a morte da coisa-em-si. A Lei seria a representação da coisa. Portanto, do real só podemos ter a representação. A realidade é algo que surge desse jogo de projeções subjetivas, cujo

terreno comum é o corpo. Um corpo nomeado.

Tal é, portanto, a herança estrutural do sujeito, como suporte de uma função simbólica: ter um nome, e sendo nomeado, reconhecer-se e distinguir-se no conjunto das relações familiares e sociais¹⁹. Sendo assim, o discurso do Outro não é o discurso de um outro abstrato, mas sim, o discurso de um circuito no qual estou integrado. Sou um de seus elos. É o discurso de minha mãe (e do estatuto da mulher na sociedade), do meu tempo e da minha geração, e que eu, por minha boca, estou condenado a repetir²⁰. As proibições, nesse contexto, não se aplicam às pessoas, mas as denominações das pessoas, proibindo aquelas que respondem aos nomes de pai, mãe, irmão, irmã. As relações de parentesco não se constituem somente como um fato social. Em Levy-Strauss encontramos a confirmação de que o sistema de parentesco é uma linguagem; afirma que seus termos são elementos de um discurso; estes, certamente são um fato social, mas sua importância e essencialidade não consistem tanto em sua natureza de laços objetivos de consaguinidade e de filiação entre os indivíduos mas, no fato de ser um sistema arbitrário de representações e de existir na consciência dos homens²¹.

O arbitrário da linguagem funda sua soberania no inconsciente como uma servidão generalizada, sofrida pela massa humana. O processo pelo qual se inscreve a Lei no inconsciente, embora balize o "caminho do homem", também o limita ao movimento de seu tempo e da sua cultura.

A proibição do incesto é o ponto de partida, segundo Freud, para a organização social, para as restrições morais e religiosas, ao mesmo tempo que carrega consigo o mistério do mundo sim

19. Jacques Lacan, *Escritos*. Perspectiva, São Paulo, 1978.

20. Seminário 2.

21. Levy-Strauss, *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977.

bólico. Assim, na medida em que assegura ao homem a posse de um tesouro, a herança lingüística²², diríamos que também assegura o usu-fruto desse tesouro somente através das formas codificadas nos ter-mos dessa herança.

Sobre isso levantaríamos uma hipótese segundo a qual a proibição do incesto somente se erigiu em símbolo do mundo humano porque representa o elo de conjugação das necessidades vitais com o desejo. "Singular e universal ao mesmo tempo, o Édipo não é, no fundo, senão uma forma cultural entre outras que são igualmente possíveis, contanto que cumpram a mesma função, que é a promoção da castração no psiquismo"²³. O "caminho do homem", embora seja aquele que lhe permita o acesso ao "tesouro" humano porque o coloca a caminho, é também aquele que lhe permite nunca chegar, porque não há nada mais que o caminho. Isto nos coloca diante da questão ética desse caminhar. Porque uns andam nas costas dos outros? Porque uns suportam a dominação enquanto outros gozam com ela? Em outras palavras, porque a sociedade se organizou em torno da luta pelo poder?

A psicanálise, ao descrever o processo pelo qual se inscreve a Lei no inconsciente infantil, na realidade, também descreve como se forjam as estruturas psíquicas de consenso à subordinação social. Embora não tendo explorado esta vertente, Lacan admite que "a libido se exerce no sentido de um rebaixamento, cego pelos demais, do indivíduo em proveito da espécie, e que seus efeitos sublimadores na crise de Édipo estão na fonte de todo processo de subordinação cultural do homem"²⁴. Esta idéia aponta para uma aproximação do conceito de desejo com uma política do desejo, ou seja, uma certa adequação de passos entre o caminhante e o caminho.

22. Totem e Tabu, in S. Freud, Obras Completas. Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 1805.

23. Moustapha Safouan, Estudos sobre o Édipo, Introdução a uma Teoria do Sujeito. Zahar, Rio de Janeiro, 1979, p. 128.

24. La Agressividad en Psicoanálisis, in Jacques Lacan, Escritos. Ed. Siglo XX, ed. espanhola, p. 82.

O que está sendo sugerido é que o recalque, ao incidir sobre o desejo, enlaçando-o para determinada função no psiquismo, o faz em correspondência com "a forma pela qual os mecanismos de autoridade e submissão entram nas pessoas e as forjam segundo instâncias psico-afetivas primárias"²⁵. Isto nos leva à afirmação de Deleuze — Guattari, segundo a qual o desejo, antes de ser capitalizado pela triangulação edípica, é um "investimento libidinal de todo um campo histórico e social"²⁶.

No caso específico da mulher, toda a sua problemática parece realmente apontar para a existência de um inconsciente forjado não somente a partir de sua genealogia familiar, mas como um ponto de convergência de investimentos coletivos.

Deleuze-Guattari, sem se deterem na problemática feminina, apontam, contudo, para a mesma direção quando afirmam a existência desses agentes internos coletivos de enunciação que estão em nós, e que nos fazem falar, a partir dos quais somos falados. Definindo o desejo como um delírio de massas, eles afirmam que o que produz enunciados em cada um de nós jamais somos nós mesmos, como sujeito: são as multiplicidades, as massas, os povos, os agentes coletivos que nos atravessam, que são internos em nós e que não conhecemos, porque fazem parte de nosso próprio inconsciente²⁷.

Com isso eles querem acentuar que, embora não haja um registro do tempo no inconsciente, não é o inconsciente desvinculado de seu tempo histórico. "Se ele deve ser produzido, então será produzido política, social e historicamente"²⁸.

25. Rosaria Micela, *Antropologia e Psicanálise*. Brasiliense, São Paulo, 1984, p. 10.

26. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *O Anti-Édipo*. Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 1984.

27. Idem, *Ibidem*.

28. Idem, *Ibidem*.

O que interessa particularmente ao nosso estudo é ir até as fontes de produção do inconsciente, na mulher, e ressaltar os agentes dessa produção, em seu nascedouro. Talvez possamos constatar, como Nietzsche, na Genealogia da Moral, que este sistema de crueldade (a linguagem do poder), alfabeto terrível que traça signos diretamente no corpo, não tem nada a ver com uma violência natural, mas sim, com um movimento da cultura, que se opera nos corpos e se inscreve neles, arando-os.

Queremos supor que a mulher, ao se deparar com o lugar que lhe é tradicionalmente reservado no mundo, se submete a ele obedecendo, na verdade, a uma força maior inscrita em seu inconsciente, segundo os ditames arbitrários de um universo lingüístico. Tal como a apreensão de seu corpo, seu "phantasme", a partir dos signos viciados com os quais a linguagem a veste, a mulher abriga em seu inconsciente sua história e a história.

CAPÍTULO II

DAS METÁFORAS DO DESEJO

"...mas é rebelde como uma criança; e se não lhe tapasse a boca, gritaria com toda a força".

Lacan, em seus Seminários, definiu o termo realidade como imagens, significantes, mas também pulsão, exercício da pulsão, ação da trajetória da pulsão¹. No entanto, para nós, cujo contato com esta realidade específica da mulher nos mostrou a própria institucionalização das relações de poder entre os sexos, nos pareceu assim muito mais o exercício pervertido dessa pulsão. Realidade, nesse contexto, ficaria bem como o gozo de uma perversão, tal como o AI-5 do desejo. A transgressão por decreto.

Isto se torna tanto mais patético quando se compreende que, se a realidade é uma produção do desejo, produtor e produzido se confundem numa só natureza. Em psicanálise, realidade é uma pequena e escorregadia faixa territorial espremida entre duas ordens de determinações fundamentais: o simbólico e o imaginário. Este "conjunto de efeitos produzidos"² por imagens e significantes, por mais virtual e passivo que possa parecer, é, contudo, "capaz de transformar o corpo, de matar, de fazer nascer outro corpo"³. Portanto, realidade efetiva seria esta montagem do desejo sob o equilíbrio precário do campo simbólico interagido com o campo imaginário.

1. Jacques Lacan, *O Seminário 2*. Zahar, Rio de Janeiro, 1985, p. 8.

2. Juan David Nasio, *Formação do objeto "a"*. texto inédito, p.9.

3. Idem, *Ibidem*.

O primeiro, como vimos, é mantido por um significante originário, um referencial primeiro, que Lacan denominou Nome-do-Pai, porque representa o corte na relação dual e imaginária entre mãe e filho. Esse corte, ao introduzir a falta simbólica, mantém e organiza toda a seqüência posterior da cadeia de significantes, possibilitando a instauração do mundo propriamente humano. É a dimensão da falta originária, da morte, da castração.

Já no campo do imaginário, tudo que há são flutuações da libido num jogo que se inaugura com a identificação do EU na chamada fase especular. Nesse momento, o corpo fragmentado do "infans" encontra uma imagem na qual se organiza como um todo único e indivizível, e nele passa a se reconhecer. Embora não tendo imagem nem sendo especularizável, a libido funciona como o suporte desse campo imaginário, mantendo a sua coesão. Assim como em física a energia potencial surge da diferença entre dois planos, também a libido pode ser definida como uma energia, "um produto radical que há entre o corpo fragmentado da criança e a imagem unificadora"⁴.

A realidade surge, pois, desta montagem, por onde o objeto continuamente lhe escapa⁵. O desejo somente desliza pelo movimento metonímico dos significantes quando há um certo equilíbrio entre os campos do simbólico e do imaginário. A exarcebação de qualquer um deles provocaria alterações nessa realidade. Násio chama de "resposta-objeto"⁶ aquilo que surge como um bloqueio, um entrave à dialética do significante, algo que, por não remeter a mais nada senão a si mesmo, cristaliza-se, congela-se, imobiliza-se "numa úlcera, num delírio, numa alucinação"⁷.

4. Juan David Násio, *Formação do objeto "a"*. texto inédito, p. 9.

5. Idem, *Ibidem*.

6. Idem, p. 15.

7. Idem, *Ibidem*.

Esta realidade específica que estamos enfocando pode ser vista como uma "resposta-objeto", que se constituiu historicamente como um sintoma na sociedade. Aquilo que chamamos de tradição seria a cristalização do significado, impedindo o deslizamento metonímico do simbólico e emperrando, deste modo, todas as outras significações possíveis. O resultado desse sintoma histórico é a produção em massa de seres neurotizados, mutilados em seu potencial simbólico, seres que já nascem "com a boca tapada"⁸ para novas palavras. Estamos nos referindo à realidade que encontramos ao trabalhar com mulheres vítimas da violência doméstica. Seres humanos reduzidos a reflexo de uma imagem reproduzida milernamente, por uma tradição eminentemente perversa. Pudemos constatar, nesse trabalho no SOS, as consequências da reprodução em série de um esteréotipo sexual, uma "resposta-objeto" que passa de mãe para filha indefinidamente. A promoção de uma exarcebação do imaginário, nessas mulheres, traz sempre a marca, o selo impresso, no inconsciente, de uma imagem primeira, a da mãe, que é também a imagem de uma mulher submetida a uma imagem.

Interessante observar também a correspondência entre esse estereótipo vivido como real, e a realidade das instituições reforçando essa imagem estereotipada. E aqui fica bem claro o conceito de produtor e produzido se confundindo numa só unidade. Por exemplo, a questão da falta de infra-estrutura da sociedade para a mulher que trabalha fora de casa tem sido apontada como uma das causas de sua dependência ao homem e, conseqüentemente, de sua submissão à violência doméstica. Mas, também é verdade que a falta de infra-estrutura só existe porque, até então, a mulher vivia realmente sob tutela do homem. As próprias Leis do Código Civil refletem esta realidade na qual a mulher é vista como um ser tutelado. Somente agora isto se tornou um problema, isto é, a partir do momento em que a

8. Das Mulheres, Velhas e Jovens, in F. Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977, p. 80.

mulher começa a criar, com uma nova praxis na sociedade, uma nova realidade em confronto aberto com esta tradição.

Portanto, esse conceito de realidade como uma produção sintomática do desejo, se por um lado aponta para as pequenas e grandes perversões com as quais todos, de uma forma ou de outra, compartilhamos, por outro lado também permite entrever a possibilidade de restauração de seu movimento dialético. Um sintoma é como um nó que se desfaz sozinho, quando se restitui ao significante a sua função simbólica.

Agora veremos que, no caso da problemática feminina, as coisas se complicam, porque todo o universo lingüístico compactua para confiscar à mulher o gozo de símbolos que a representariam positivamente no mundo. Ora, os símbolos não são extraídos do nada, eles surgem tal como faíscas do atrito das pedras, isto é, como resultante pleno de sentido de uma práxis social.

Se não existe ainda uma prática integrada à tradição, que fale a mulher como uma cidadã participante, como uma profissional qualificada, como cientista, política, empresária ou qualquer outra função social que não a tradicional doméstica, a mulher naturalmente não encontrará símbolos que referenciem sua existência no mundo senão conforme a tradição. Esta questão se torna tanto mais grave quando, através do instrumental psicanalítico, confirmamos a importância da linguagem no processo de formação da identidade sexual.

Todo esse estudo se dirige, pois, para a pergunta de como é possível remover esse sintoma na sociedade, sem uma praxis que engendraria os símbolos da existência da mulher no mundo e sem o material-simbólico, que são os suportes para a legitimidade dessa nova práxis. Ou seja, como quebrar essa imagem estereotipada de mulher sem cair no vazio simbólico?

a) A Mulher Fetiche

"...da mulher, só se deve falar aos homens".

Vimos que a soberania do significante — o universo lingüístico — é composto por um sistema de signos arbitrários que codificam os fluxos do desejo, capitalizam a libido, marcam os corpos. Isto só é possível por causa daquela clivagem constitucional que Freud chamou de "Spaltung", e que marca o sujeito como um "ar de presa"⁹ sob a tutela de um oráculo, ao qual continuamente pergunta: Che Vuoi? Que queres? A resposta será sempre esse "objeto inacessível ao espelho" mas que, somente a "imagem especular dá a sua vestimenta"¹⁰. Antes da imagem tudo que há são fragmentos, sensações dispersas onde o tempo e o espaço ainda não foram colhidos. O EU que surgirá é um eu-frágil, pendente de uma resposta do Outro.

Que falas fundadoras compactuam na constituição da mulher ora como mito, ora como fetiche, de maneira tal que ela passe a vida inteira usando uma máscara sob a qual nem ela mesma está? Que leis de nomenclatura a situam e a determinam no mundo, canalizando — "alianças a partir das quais os seres humanos copulam entre si, e acabam criando, não apenas outros símbolos, mas também seres reais"?¹¹

O mito significa uma tentativa de ordenar o caos, e representa, o grande espelho onde irão as gerações buscar alento para

9. - Subversão do-Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente freudiano, in Jacques Lacan, *Escritos*. Perspectiva, Rio de Janeiro, 1978, p. 299.

10. Idem, p. 301.

11. Jacques Lacan, *Seminário 2*. Zahar, Rio de Janeiro, 1985, p. 31.

a angústia da inconsistência do ser. E é um mito que conta a criação da mulher a partir de uma costela de Adão, marcando sua origem sob o estigma da dependência. Seu sexo já surgiu no mundo envolto em nebulosidades, como o atesta o dogma de fé da Igreja Católica: um Anjo anunciou a Maria, e não um homem a fecundou. O mito da virgindade revela um desejo patético da humanidade de preservar a mãe. Ora, não haveria esse cuidado, se não houvesse uma volúpia inconsciente dirigida àquela que, um dia, fez de seu corpo abrigo para nosso desejo.

Como um fundo inconsciente da humanidade, o mito da mãe virgem se encontra presente na origem de várias religiões asiáticas e culturas indígenas. A partir desse substrato universal, se instituiu a linguagem tomando desses elementos para que eles, por sua vez, tomem os homens. São as regras gramaticais, os itens lexicais, os eufemismos, as assimetrias de sentido, os ditados populares, os marcos dessa fala que nos fala como homens e mulheres no mundo.

Em busca de referenciais que passem pela confirmação sexual da mulher, constatamos, ao contrário, sua negação absoluta, seja na estrutura da língua, seja através de palavras pejorativas, de duplo-sentido ou negativas. Sua invisibilidade pode ser observada, por exemplo, nas formas de concordância nominal que seguem¹².

- a) Sabe-se que o adjetivo concorda em gênero, número e grau com o nome. Mas, se estão presentes os 2 gêneros, a concordância se fará no masculino. Ex. menino estudioso; menina estudiosa; meninos estudiosos. Ou, Eles são uma moça e um rapaz bonitos.
- b) Os pronomes indefinidos, naturalmente, não tem gênero. Entretanto, a concordância nominal deve ser feita no masculino. Ex. Ninguém tão burro passaria por aqui. Estou esperando para ver se alguém conhecido chega. Outrem maldoso faria a mesma coisa.

12. Eliane Vasconcelos Leitão, *A Mulher na Língua do Povo*. Achiamé, Rio de Janeiro, 1981.

Nos casos onde tais indefinidos concordam com a forma feminina, é que, na verdade, há uma pessoa definida à qual se refererem esses pronomes. Ex. Nunca vi ninguém tão bonita quanto Tereza. Alguém anda saudosa de casa. São os casos onde há um referente claro para quem fala.

c) Quando existe concorrência de gêneros, o plural irá sempre para o masculino. Ex. Irmã e irmão = irmãos; homens e mulheres idosos; ele e ela = eles. Se numa sala de aula houver 39 alunas e 1 aluno, a professora dirá: meus alunos.

2º) O uso genérico da forma masculina aponta significativamente para a supremacia do homem, na linguagem. Dizemos "o homem" para designar toda a humanidade; brasileiro, para designar o conjunto dos habitantes de um país; cidadãos, etc. Se disséssemos, por exemplo, que "*a mulher conquistou a lua*" não estaríamos nos referindo ao conjunto dos seres humanos. A história demonstrou a existência do "*ho*mem de Neanderthal, entendendo-se por isso os dois sexos; jamais se falou em '*mulher de Java*'".

Eliane Vasconcelos Leitão, em seu estudo sobre as relações do sexo com a linguagem, fez uma ressalva sobre o uso genérico da palavra "*homem*" para designar a humanidade. Há casos, ela diz, em que a *lexia* homem se refere exclusivamente ao sexo masculino, como na frase: o homem descobriu a cura da tuberculose. Ou, o homem foi à lua. E ela conclui dizendo que os meninos tem a grande vantagem de ouvir desde cedo termos masculinos referindo-se a eles, ao passo que as meninas têm que aprender que, em alguns contextos, elas são homens¹³.

Outros exemplos interessantes são tomados do dicionário, onde são definidas palavras que tanto poderiam ser usadas para um,

13. Eliane Vasconcelos Leitão, *A Mulher na Língua do Povo*. Achiamé, Rio de Janeiro, 1981, p. 20.

quanto para outro sexo, no masculino. Exemplo:

Diplomata = funcionário pertencente ao quadro de serviços diplomáticos de um país

Monarquia = estado sob o governo de um monarca.

Político = aquele que trata de política.

Na nomenclatura religiosa usamos a expressão: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deus, o Pai, é homem — e o diabo também — e, embora nos digam os teólogos que os anjos não têm sexo, pelo menos têm nomes masculinos (Gabriel, Rafael, Miguel) e ainda, são representados por belos jovens¹⁴.

39) Os estereótipos agem na identificação dos sexos como "respostas-objeto" estabelecendo os padrões institucionais do sentir e do agir humano. Frases como "Mulher bonita não precisa ser inteligente", "Mulher feia não dá palpite" ou "Mulher feia é como sucata, não serve pra nada", etc, revelam os preconceitos de nossa civilização onde a mulher é um objeto sexual medido unicamente pelo seu peso e suas medidas. As palavras aí estão para falar da mulher bonita — gata, chuchu, lindona, gostosa, pantera, avião, boazuda, fofinha, enxuta, docinho, etc. — assim como para falar da mulher feia — bofe, bacalhau, bucho, canhão, repolho, abacaxi, monstrengo, jararaca, etc. como uma "coisa" cujo valor unicamente se refere à sua aparência física ou utilidade sexual.

Heloneida Studart¹⁵ lembra que, ao questionar a situação da mulher americana, Betty Friedan recebeu como resposta, uma onda de injúrias, inclusive acusações de ser muito feia. Mas, Freud também era, e Einstein também tinha uma cara horrível, mas ninguém se

14. Eliane Vasconcelos Leitão, *A Mulher na Língua do Povo*. Achiamê, Rio de Janeiro, 1981, p. 27.

15. Idem, p. 29.

recusou a ouvi-los por este motivo. E ela conclui que "a mulher é o único ser racional que precisa abonar suas teorias com um rosto bonito e um belo par de pernas".

49) Há uma desigualdade básica que é veiculada pela linguagem: homem = ser humano; mulher = objeto sexual, que se observa, por exemplo, na assimetria de sentido de determinadas palavras. Assim, quando dizemos que João é um profissional, isto significa que ele um médico, ou engenheiro, etc. Mas, se dizemos que Joana é uma profissional, podemos estar nos referindo tanto a uma tarefa que ela executa quanto ao ofício da prostituição. Há uma série infindável de palavras cujo sentido é dúbio quando se refere a uma mulher. Exemplo: amador/amadora; aventureiro/aventureira; um qualquer/uma qualquer; homem perdido/mulher perdida; homem livre/mulher livre; homem experiente/mulher experiente, etc.

Uma verificação no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, revelou à pesquisadora Eliane Vasconcelos Leitão, o seguinte:

a) O homem é homem desde o seu nascimento; a mulher só o é depois da puberdade. Vejamos:

Homem = ser humano;

a espécie humana, a humanidade;

ser humano em sua dualidade de corpo e espírito;

ser humano da espécie masculina;

Mulher = pessoa do sexo feminino após a puberdade;

esposa

b) Todas as palavras que tem por núcleo a palavra homem possuem semas positivos e todas as que têm por núcleo a palavra mulher, têm semas relacionados com sua atividade sexual e são negativas. Ex;

Homem da rua = homem do povo

Homem de bem = homem honesto

Homem de ação = homem enérgico

Homem de letras = homem intelectual

Homem de Deus = homem santo

Homem público = homem que se consagra à vida pública

Mulher â-toa = meretriz

Mulher da rua = meretriz

Mulher da vida = meretriz

Mulher pública = meretriz

Mulher perdida = meretriz

Mulher da zona = meretriz

- c) Numa análise das metáforas zoomórficas usadas para a mulher, foi encontrada a mesma dicotomia, sempre se referindo, no caso da mulher à sua atividade sexual. Exemplo:

Cavalo

Égua

Animal mamífero; da ordem dos
perissodáctilos

A fêmea do cavalo;
Meretriz;

Indivíduo grosseiro, sem edu-
cação, estúpido.

Cachorro

Cadela

Cão novo

A fêmea do cão;

Indivíduo indigno, canalha,
cafajeste

Mulher de procedimento censurá-
vel, desavergonhada, meretriz

Galo

Galinha

Gênero de aves galináceas, de
cristas carnudas e asas curtas
e largas;

A fêmea do galo;

Mulher que se entrega com faci-
lidade;

O macho da galinha doméstica;

Ser um galo = ter orgasmo rã-
pido (para o homem)

Touro	Vaca
Boi bravo	A fêmea do touro;
Homem fegoso e robusto	Mulher leviana que aceita qualquer homem;
Gato	Gata
Animal mamífero, da família dos felídeos;	A fêmea do gato;
Indivíduo ligeiro, esperto	Mulher boa, bonita e gostosa (não está dicionarizado)

Além dessas ainda existem outras, como mariposa, piranha, tanajura, jararaca, que circulam no linguajar cotidiano e demonstram claramente o quanto as palavras carregam de interditos sexuais relativos à mulher. Talvez fosse interessante colocar que o a única metáfora zoomórfica usada para o sexo masculino com conotação sexual negativa é "veado". E isso unicamente para se referir àqueles que querem se equiparar à mulher, ser hierarquicamente inferior em nossa cultura.

59) A dependência da mulher é algo que vai sendo ensinado pelo conjunto dos agentes socializadores (pais, professores, parentes, etc) às meninas desde a mais tenra idade. Assim, vemos os meninos serem educados para serem "homens" quando crescerem, e as meninas para serem "mocinhas". Isto porque o ideal de feminilidade é a falta de experiência sexual, e a palavra mulher pode carregar conotações depreciativas, porque indica alguém já iniciada sexualmente.

A hierarquia entre os sexos é algo que, na verdade, se manifesta primeiramente na família, em sua organização estrutural. A autoridade do pai, embora muitas vezes pouco manifesta, é a legítima. É o seu nome que se perpetua nas ramificações familiares. A constatação, pela menina, de que o pai é o chefe da casa (mesmo quando é a mãe quem manda), é seguida de que ela é dependente do irmão (mesmo se ele é mais novo do que ela). É comum, os pais, ao saírem, recomendarem ao menino que tome conta da casa "e da irmãzinha".

Na hierarquia lingüística, o marido substitui o pai, tornando-se o "homem da casa", enquanto que ela, a menina, passará de "boneca" ou "princesa" a ser a "rainha do lar". Esta dependência tem sequência na adoção do sobrenome do marido pela mulher, e culmina na viuvez, quando a mulher passa a ser a "viúva do Sr. X". Existe até uma abreviatura especial para estes casos, V^ã, que não tem correspondente masculino, porque viúvo não é considerado título.

6º) Existem várias expressões gramaticais em nossa língua que aludem a uma diferença de valores entre homem e mulher. Assim, "agir como um homem" significa agir com bravura, ser valente, corajoso. Mas, "agir como uma mulher" é ser covarde, maricas, fraco, etc. "Bancar o homem" é bom, seja para qualquer um dos sexos. Mas "banca mulherzinha" é insultante quando dita para um homem. Existe até um termo "hombridade" (cujo morfema lexical é homem) significando nobreza de caráter, dignidade. Mas não existe o correspondente "mulheridade".

7º) A superioridade do sexo masculino tem sido, até hoje, inquestionável. Historicamente, "foram os homens quem descobriram terras, inventaram os instrumentos, lançaram-se às pesquisas e às conquistas. Eva não foi criada para si, mas para ser companheira de Adão. Nas lendas antigas, o princípio masculino deveria triunfar sobre o feminino." (...) Atribuí-se a Pítágoras o dito "Há um princípio bom que criou o caos, as trevas e a mulher". E a Aristóteles: "A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidade".

Destituída assim de um estatuto lingüístico que lhe permita o uso pleno, legítimo e natural de seu sexo no feminino, abstraída desse universo lingüístico por expressões metafóricas e palavras que a anulam como sujeito de seu destino, a mulher inevitavelmente é colhida pela rede da linguagem, tornando-se falada, ao invés de falar. Sua identidade feminina é con-formada dentro dos estereótipos que a língua define como sendo sua "natureza".

Subjacente a este imaginário coletivo que respira e transpira a ideologia da imagem, percorre uma poderosa corrente libidinal fetichista, cuja viscosidade mela e cola nas palavras um gozo perverso. Ora, se as palavras existem para que o gozo seja possível, porque razão as mulheres tiveram de ser mal-ditas para serem gozadas?

O objeto do amor é o fracasso do amor. Lacan, ao falar sobre esse tema se refere ao "*significante que não tem significado*", aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico. Ele diz: "*O que é isto? - senão o que a importância da masturbação em nossa prática sublinha suficientemente, o gozo do idiota*"¹⁶.

Interessante observar, ainda, que ao tratar da existência da alma, Lacan parece dar uma pista, na medida em que coloca a alma como uma transação assexuada de amor, para diferenciar daquela que envolve o sexo. "*Para que a alma consiga ser, a gente a diferencia dela, da mulher (... a gente a dif...ama. (...)* O que de mais famoso, na história, restou das mulheres é propriamente falando, o que delas se pode dizer de infamante"¹⁷.

Portanto, talvez a mulher tivesse sido historicamente dif...amada, lingüísticamente mal-dita, porque seria absolutamente intolerável para os homens pressentirem que seu objeto de amor é algo que lhes escapa.

16. Letra de uma carta de amor, in Jacques Lacan, *Mais, Ainda*. Zahar, 1982, p. 109.

17. Idem, p. 115.

b) A Mulher Mito

"Tudo, na mulher, é enigma e tudo, na mulher, tem uma única solução; chama-se gravidez".

Ao colocarmos a análise da submissão da mulher à violência masculina num contexto lingüístico, pretendemos justamente superar esta relação dual e imaginária que coloca homem versus mulher, e buscar, no simbólico, aquela terceira instância que os fala. Portanto, deixando que a própria linguagem falasse por si, observamos, no que se refere ao reconhecimento do sexo feminino, que existem ditos e interditos que o negam, definindo uma realidade essencialmente dúbia quanto à sua situação no mundo.

Considerando-se que o universo lingüístico é formado por tudo que constitui o mundo humano, das relações de produção até a política internacional, acreditamos, pois, estar realmente diante de um enigma. Ou seja, o enigma da existência da mulher. Admitindo-se que todo o processo primário de identificação sexual passa necessariamente pelo viés da linguagem, como é possível à mulher constituir-se como mulher, numa língua que não somente menospreza o sexo feminino como também o exclui de sua própria estrutura?

Quando Lacan, em seus Seminários, se referiu à inexistência da mulher dizendo que "...a mulher, isto só pode ser escrito barrando-se o A"¹⁸, ele pretendia advertir para este campo desconhecido que representa a mulher; e por não existirem palavras que o nomeiem,

18. Letra de uma carta de amor, in Jacques Lacan, *Mais, Ainda*. Zahar, 1982, p. 98.

ele se referiu meio-dizendo sobre este sexo que é "não-todo". Por não ser todo falável, de alguma forma ele escapa ao entendimento e à razão. Também Freud se questionou quanto a isso, reconhecendo o enigma que representava para ele o chamado "continente negro". Na verdade, o que se conhece da mulher é o que dela se fala. Ela mesma, por si, não se sabe, não se diz. "...de sua essência ela é não-toda. Quando ela é pensada toda, só pode ser o complemento do homem; mas, ela é não-toda, escapando, portanto, ao homem, sua cultura, sua linguagem"¹⁹.

E não é isto o que as feministas não se cansam de dizer? Que não existe a mulher imemorial, o mito eterno, figura singular, universal e imutável, "metade de um todo do qual o homem é o centro"²⁰? Desse lugar androcêntrico, lá, de onde o homem vê a mulher saída de le, de sua costela, tudo que há é uma mulher produzida pelo desejo masculino. É de lá, pois, que surge o inconsciente feminino²¹.

Apontaríamos aqui, apenas brevemente, para a ironia desse achado: desse lugar androcêntrico de onde se estrutura a própria linguagem, tudo que há é a afirmação de um e apenas um sexo: o masculino. Perguntamos, pois, como é possível a "relação" sexual?

O inconsciente, sobre o qual se estrutura o corpo, a percepção e a sexualidade, é uma função do simbólico. Ora, sabemos que as imagens dão um aspecto de evidência àquilo que é essencialmente manipulação simbólica. O que estamos querendo propor é que a maldição do sexo feminino na linguagem corresponde à sua afirmação imagética num outro quadro, de onde suporta a interdição do gozo de si senão como gozo do outro. Seu corpo apreendido desde a mais tenra

19. Catherine Clément, *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*. Ed. Moraes, São Paulo, 1983, p. 47.

20. Idem, p. 46.

21. Jacques Lacan, *Mal, ainda...* Zahar, 1982, p. 133.

idade como um fetiche — a menina se veste e se enfeita para agradar e seduzir — se torna um objeto produzido e manipulado para o gozo do outro. Sua apreensão de si, seu "*phantasme*", passa, portanto, pela "*boca do povo*", pelo investimento libidinal histórico e cultural das palavras com as quais a linguagem a veste. Em nenhum momento se tornou tão patente a afirmação de Deleuze-Guattari de que "*os fantasmas são fantasmas de grupo*"²², e que, portanto, a apreensão fantasmática do corpo feminino passa por desejos que vão além do contexto edípico familiar. A impregnação que sofre das manipulações ideológicas de seu tempo, parece indicar que a sua constituição psíquica sofre, de forma específica, os efeitos do recalque. Tudo indica que esta especificidade a conformou, de certa maneira, a um estado psicológico de submissão, seja a um homem, seja aos valores viris. A questão da violência doméstica, à qual grande número de mulheres se submetem, aponta para uma espécie de conformação psicológica ao desejo do homem, mesmo quando isso lhes ferir a dignidade própria. Constatamos que estas mulheres sentiam, dentro de si, uma dificuldade imensa em reagir, em procurar uma solução, em escapar da relação neurótica na qual estavam aprisionadas.

Queremos supor que esta situação conflitante tem muito a ver com o fato de que essas mulheres foram aprisionadas, em suas origens, por uma cadeia de palavras agindo como grades, significados congelados, "*palavras-objeto*" agindo como sintomas, impedindo a circulação dos significantes. Na verdade, elas não tinham inscritos dentro de si os referenciais simbólicos que suportariam a sua busca de autonomia. Faltavam-lhes códigos significantes. O único referencial que possuíam, através do qual apreendiam sua identidade no mundo, era-lhes conferido por um código masculino perverso, ou seja, o machismo,

22. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *O Anti-Édipo*. Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 181.

que lhes impunha a dependência ao homem e aos seus valores como algo inerente à natureza de mulher.

Portanto, o artifício consiste em que, ao serem integrados ao código lingüístico, esses signos vão balizar o processo de identificação sexual feminino, passando a significar o próprio sexo. Sendo o corpo e a linguagem dois níveis do sistema cultural, no corpo da mulher, em seu "phantasme" estão inscritos não só a sua história pessoal mas também a história coletiva de todas as mulheres. Nisso consistiu o alerta do movimento feminista mundial: o pessoal é também político.

Esta vulnerabilidade artificialmente produzida, este "enfraquecimento" psíquico da mulher graças a um artifício da linguagem, remonta às origens filogenéticas da humanidade. Tudo parece indicar que a negação do sexo feminino responde ao medo ancestral do homem a alguma coisa que a mulher representa, e que vai muito além do ser castrado que a psicanálise lhe atribui. Este artifício, no decorrer da história, assumiu a forma de repressão sexual, de interdição da mulher ao prazer.

Transparece na própria linguagem, tal interdição, com a inexistência de nomes que falem do seu órgão de prazer. Existe, como se sabe, um único termo médico para designar o clitóris, e mesmo assim, permanece uma controvérsia quanto à localização do acento; alguns autores o colocam no "i", outros no "o". Não existe concordância nem quanto à grafia certa do clitóris!

Pudemos observar, em dezenas de reuniões com mulheres, que há uma grande dificuldade para elas próprias designarem o seu órgão de prazer. As poucas palavras que existem para nomeá-lo, além de possuírem um sentido fortemente pejorativo, não se referem especificamente ao clitóris, mas à vagina ou ao conjunto de órgãos sexuais femininos. Observamos que esta dificuldade é contornada através do

uso de demonstrativos, como "isso aí", "lá", "aquele lugar", "aquilo", etc. Ora, como estabelecer uma práxis sexual no feminino, ou seja, como reconhecer no seu próprio corpo um lugar de prazer se não existem nomes para designá-lo?

A única via possível para a mulher vivenciar a sua sexualidade, de forma reconhecida e legitimada, é através da maternidade. Sua função de reprodutora da espécie, a nível biológico, se coloca como uma necessidade, não uma contingência. O desejo entraria, sim, mas pela única porta possível, aberta pelos referenciais simbólicos existentes. Por significar o elo vital para as gerações, a maternidade é associada à natureza feminina e se incorpora a seu inconsciente — produzido e colocado à disposição do bem de todos. Obviamente, para camuflar este artifício, a Mãe é erigida em símbolo, em mito. E a maternidade se torna sagrada. O reforço desse mito, além de roubar à mulher a verdadeira maternidade, se transforma no confisco mais abusivo de seu desejo, na medida em que não lhe permite sequer vislumbrar outras possibilidades de ser mulher.

Há um trabalho que foi realizado na França, por Elizabeth Badinter²³, sobre o mito do amor materno, e que demonstra claramente todo um percurso histórico recente, no qual se tentou, por todos os meios, assegurar aos interesses oficiais, a subordinação da mulher à maternidade. Mais que isso, contudo, esse trabalho demonstra, através de dados precisos, o quanto a mulher tem sido considerada um objeto manipulável.

Conta a autora, através de uma pesquisa realizada em documentos antigos de hospitais, albergues e da polícia francesa, o quanto era elevado o índice de mortalidade infantil por volta do século XVII, devido ao hábito das mães entregarem seus filhos recém

23. Elizabeth Badinter, *O Mito do Amor Materno*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

nascidos para as amas de leite.

Após um censo demográfico que constatou o gradativo despovoamento da França, os políticos julgaram conveniente uma mudança nos costumes. Assim, a partir de 1760 tem início uma campanha nacional para instituir um novo valor: o amor materno. Por razões econômicas e políticas, era preciso convencer as mulheres que a maternidade era um bem, um dever, um instinto inerente a todo o sexo feminino. Para isso recorreu-se a nada menos que três discursos diferentes, para conseguir a adesão da mulher à nova ideologia da maternidade: 1) o discurso econômico, que mostrava a realidade demográfica da França e os perigos de uma queda populacional, tendo em vista as guerras e as invasões do território francês. Além disso acenava com possibilidades de riqueza para a população, incentivando-se a produção humana. E a criança passou a adquirir, então, um valor mercantil.

O discurso filosófico, que promulgava idéias de igualdade e felicidade individual, teve o papel de reforço ideológico do anterior. É importante lembrar que a Filosofia das Luzes, no entanto, não promulgava a idéia de igualdade entre os seres humanos (homens, mulheres e crianças), mas dos homens entre si. Através de Rousseau, dos enciclopedistas e de outros filósofos, esse discurso ideológico teve, entre outras, a função de promover uma redefinição dos papéis sexuais. Assim, a incontestável autoridade paterna, de origem natural e divina, passou a ser limitada pelas necessidades da criança. O dever do pai deveria ser zelar pelo bem estar de sua prole. A procriação passou a ser, para a mulher, a sua garantia de felicidade, já que significava a realização de sua natureza. O aleitamento virou moda na França, em meados do século XVIII, incentivado pelos médicos e filósofos iluministas. O casamento passou a ser feito livremente, como expressão da liberdade e do amor, e a família se fechou numa doce intimidade tão bem retratada pela literatura e

pintura da época.

A sedução deste discurso filosófico, embora tenha dado parcialmente bons resultados, principalmente entre as classes mais abastadas, não foi suficiente para convencer toda a população e extirpar o costume de abandonar os filhos à sua própria sorte. As mulheres relutavam em ser essas mães admiráveis que a literatura falava, e diante disso, foi preciso um discurso mais enérgico, eloquente e ameaçador. Os médicos de família foram convocados, assim como os teólogos. Acenavam com riscos para a saúde da mulher que se recusava a amamentar e para a vida do bebê, exposto a toda sorte de perigos.

O retorno à natureza era a ideologia reinante e a mulher que se recusava a seguir os ditames de sua natureza, ou seja, procriar, amamentar e criar o seu filho, era considerada "des-naturada". Foi quando começou o elogio dos "bichos". "Observai os animais, dizia o médico Gilibert, especialmente as fêmeas, como obedecem aos impulsos da natureza"²⁴. Leas ferozes, galinhas chocas, as fêmeas são o melhor exemplo da submissão incondicional ao instinto materno. Lamentava-se, nas entrelinhas, que a mulher fosse dotada de razão e vontade.

Aliás, a insistência desses discursos significa apenas que a mulher resistia a este papel que tentavam lhe impingir à força de toda espécie de argumentação. Podemos ver que, à condenação médica, — "na mulher que não amamenta, o leite poderá vazar para qualquer órgão estranho a esse humor, e provocar enfermidades mortais"; seguiu-se a condenação moral — "uma mulher que abandona o fruto de seu amor tão logo nasce, aos cuidados de uma mercenária, deve perder para sempre o nome de mãe" — e a condenação teológica: "...não se pode, sem pecar, fugir desse dever natural..."²⁵

24. Elizabeth Badinter, *O Mito do Amor Materno*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985, p. 187.

25. Idem, p. 198.

À força de descrições da "boa-mãe", a mulher foi historicamente aceitando e assumindo, não sem resistência, esse papel, seja com alegria, seja como um fardo, sob sentimentos de culpa, angústia e frustração. De Rousseau a Freud, a imagem de mulher "normal", correspondia, sem retoques, ao ideal de mulher-mãe, criando uma realidade mítica em torno daquilo que se convencionou chamar sua "natureza".

CAPÍTULO III

NO JOGO DOS SIGNIFICANTES

"...mas, o que é a mulher para o homem?"

A criação de "SOS" no Brasil, como vimos, possibilitou a revelação do drama silencioso e dissimulado da submissão da mulher a violência. Uma violência que não começa nas agressões e espancamentos aos quais se sujeita, mas na rede significativa que a apanha ao nascer e lhe dificulta, isto quando não impede, uma outra destinação que não aquela que lhe foi prescrita pela trama lingüística.

Evidentemente que essa trama só pôde ser prescrita lingüisticamente graças ao desvio do desejo em sua origem. No ato de sua nomeação, no momento exato do corte, momento mítico onde se instalou esta cultura em contraposição à natureza bruta, *"taparam-se-lhe a boca, sem o que gritaria com toda força"*.

Enganam-se, contudo, aqueles que julgam o desejo contrário à sociedade. É que ele é, em sua essência, revolucionário, agitador, capaz de fazer explodir setores sociais inteiros e suas estruturas de dominação. Mas, ao ser apanhado no laço do significante, como um bicho do mato, cai sob seu jugo. Não sem resistência, contudo, já que toda a desordem do mundo provém de uma desordem subjetiva.

Esta subordinação originária e alienante ao significante, *"essa servidão inaugural do sujeito"* cria o suporte psíquico necessário não só para a formação de toda a seqüência posterior de *"imagens*

acústicas", mas sobretudo de imagens travestidas de verdade.

"Pois, se é verdade que o homem apenas toma a palavra se tiver sido tomado antes pela linguagem falada, e que não tem acesso a seu estatuto humano senão pela cultura, a sociedade não pode, entretanto, pretender oferecer uma verdade sem falha. Ao querer haurir dela o modelo objetivo de sua existência, o homem se aliena em imagens que tomam a aparência de lei".

Vimos, no caso da mulher, as malhas finas dessa lei que operam o desvio do desejo em sua origem, através do próprio instrumento que realiza o corte: a linguagem. Assemelha-se, este processo, à técnica japonesa de cultivar árvores-anãs; devem se desenvolver dentro de recipientes cada vez menores, horizontes estreitos; confinamento de palavras. Tudo começa com o significante primeiro, *Sl*, recalque originário, que organiza o desejo conforme esta e não outra égide.

Como se dá este jogo de significantes que forjam o ser humano no ferro quente de uma marca originária, ou melhor, como se opera essa marca no ser? Ser homem ou ser mulher é apenas a forma que o desejo assume em sua forma de ser. Mas, tudo decorre daí. Há uma passagem, no diálogo dos *Sôcias*, de Platão, em que um pergunta ao outro: Qual é a tua sina? E a resposta é: "*De ser homem e falar*". A ênfase no sexo, no sexo masculino, e não no ser revela muito mais do que pretende. Há uma linguagem do poder, por intermédio da qual uma sujeição se opera. Nietzsche, diferentemente de Hegel, faz passar a relação senhor e escravo pela linguagem, e não pelo trabalho.

Buscando responder essa questão, o instrumental teórico psicanalítico vai até onde seu fôlego e seus pressupostos o permitem, isto é, até onde Édipo faz sua entrada triunfal no ser, conformando-o segundo sua lei. Se admite-se que "*o Édipo não é, no fundo, senão uma forma cultural entre outras, que são igualmente possíveis* contan

1. Prólogo de A. Vergote in Anika Lemaire, Jacques Lacan, *uma introdução*. Ed. Campus, Rio de Janeiro, p. 35.

to que cumpram a mesma função, que é a promoção da função da castração no psiquismo"², não se dá o salto, entretanto, não se vai além disso. Uma postura crítica certamente denunciaria suas engrenagens, os mecanismos subjacentes a Édipo, ao mesmo tempo que revelaria "as dinâmicas de legitimação do conflito e da opressão entre os sexos, (...) o modelo que propõe a estrutura edipiana, (...) os fantasmas e as ideologias que estruturam o consenso em face da subordinação e a adesão emotiva à autoridade"³.

O que esse estudo propõe é sobretudo a análise desse sintoma chamado mulher, a partir de uma total irreverência teórica, a fim de desmitificar a sua origem, re-conhecer e desatar os pontos que formam a trama de sua identidade social, fazer, às avessas, uma leitura de seu desejo. Partimos de um dado empírico e sintomático: a predisposição a um estado psicológico de submissão a situações de violência na família, no trabalho, na sociedade em geral. Constatamos um paralelismo entre esse estado psicológico e o modo de organização e produção social, como uma adequação entre ambos. Observamos todo um sistema de códigos, a economia, a política, tudo convergindo para a integração da mulher num determinado modo de produção, no qual o seu papel é de absoluta subordinação ao homem. Tentando escapar da instância imaginária que coloca homem versus mulher nessas questões de poder, dirigimos nossa análise para um outro nível, e verificamos que os símbolos lingüísticos estavam impregnados dessa mesma ideologia.

Descobrimos, pois, a mulher, a mercê de uma tradição eminentemente perversa, sofrendo a superimposição de um modelo através dos

2. Será o Édipo Universal, in M. Safouan, *Estudos sobre o Édipo*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, p. 128.

3. Introdução, in Rosária Micela, *Antropologia e Psicanálise*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984, pp. 10-11.

signos viciados da própria linguagem que a constitui como sujeito falante. Ora, pareceu-nos estar evidenciando um paradoxo, ou seja, a mulher se constituindo como sujeito, assujeitando-se. Ao se submeter a um agente da lei, seja ele o pai, a mãe, o marido, o patrão, o professor, alguém, enfim, que concretize de fato aquilo que já está consumado antes de vir a ser, a mulher está se submetendo, na verdade, a uma lei inscrita em seu inconsciente. Lei esta promulgada por uma impostura, uma profanação do desejo, uma legislação corrupta que sabiamente se erigiu em condensação histórica do imaginário.

Muito embora saibamos que cada uma se apossará desta lei à sua maneira, isto não as redime de um destino comum, as mulheres. Todas nós arrastamos o peso de uma mal-dição. Que aliás, tem sido economicamente explorado pelo sistema de produção, seja como produtora (vide os salários mais baixos, a falta de oportunidades profissionais, o trabalho doméstico não-remunerado, etc), seja como consumidora (vide, apenas). Ainda não existe a consciência coletiva de que a exploração da mulher no "*grand circo*" é devido justamente a essa debilidade constitutiva do sexo feminino, à sua inconsistência de ser. Que as torna, ao mesmo tempo, vulneráveis e isentas, Eva e Lilith, espécimen exótico, fora-de-ótica, desfocado.

Dito de outra maneira: estamos sugerindo que determinado tipo de não-existência é imposto à mulher pelo desvio de seu desejo na origem, através de enunciados sobre sua subjetividade e do investimento libidinal coletivo em sua imagem.

No próximo ítem nos adentraremos no processo de construção de uma identificação mal-dita e dif-amada na história, e que reduz o desejo da mulher muito mais a um "*estado de crença*"⁴ do que propriamente a um estado de fluxo.

4. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *Anti-Édipo*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976.

a) Um Brinquedo Perigoso

"Duas espécies de coisas quer o verdadeiro homem; perigo e divertimento. Quer, por isso, a mulher como o mais perigoso dos brinquedos".

De que maneira se processa a anulação do sexo feminino como agente histórico, nós o sabemos bem. Estudos sociológicos e antropológicos tem dado respostas a esta indagação. Contudo, os mecanismos psíquicos através dos quais se processam esses dados ainda não foram suficientemente pesquisados. Até mesmo Freud se deteve face ao enigma do "continente negro"⁵, se aproximando dele apenas na medida em que Édipo lhe permitia ver e chegar.

Através do conceito lacaniano do "estágio do espelho" a-creditamos poder nos aproximar um pouco mais dessa problemática, não para conectar nele nossas hipóteses e confirmar a armadilha da imagem; trata-se muito mais de tentar compreender o processo para ver como se escapa dele. Enfim, se somos crias do espelho, como vislumbrar outras imagens, outras subjetividades, outros signos...

O conceito de "estágio do espelho" se refere ao primeiro ato de um processo de identificação do eu. Ao nascer, o infans não é nada, ou seja, tudo que há é um estado de indiferenciação, de fragmentação, sensações dispersas de corpo em pedaços. Difuso e confuso o "in^fans" é como o corpo despedaçado da obra de Jerônimo Bosch: "o atlas de todas as imagens agressivas que atormentam o homem"⁶. O que irá reunir tudo isso numa "forma ortopédica"⁷ de totalidade será

5. Sobre a Sexualidade Feminina, in Sigmund Freud, *Obras Completas*. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 3078.

6. La Agressividad en Psicoanálisis, in *Escritos*. Ed. Siglo XX, ed. espanhola, p. 69.

7. Cathérine Clément, *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*. Biblioteca Freudiana Brasileira, Ed. Moraes, São Paulo, 1983, p. 66.

a sua imagem no espelho, no cristal do olhar, das palavras, dos gestos de sua mãe ou alguém que organiza e representa, para o "*in*fans" uma antevisão de sua subjetividade.

"O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno se precipita da insuficiência para a antecipação — e que para o sujeito, preso no engodo da identificação espacial, fabrica os fantasmas que se sucedem, indo de uma imagem fragmentada do corpo a uma forma que chamaremos ortopédica em sua totalidade — e a armadura por fim assumida de uma identidade alienante, que marcará, com sua estrutura rígida, todo seu desenvolvimento mental". 8

Insuficiência e antecipação: não são a prematuração do ser humano ao nascer, mas a própria condição do desejo, com tudo que implica de fluxo, de ilimitado, de indivizível, tal qual o próprio "*in*fans"; e antecipação como o momento em que se fecha sobre ele a visão da moldura que o irá sustentar para sempre.

Portanto, o drama consiste em que, ao adquirir uma imagem de si, o ser se aliena nela própria. Aí está o enigma da cadeia humana: o ser se aliena numa imagem cujas formas foram modeladas pelo desejo do outro.

Quando o "*in*fans" percebe sua imagem e sorri — ele não bate palmas nem fica alegre — ele ri, o seu riso expressa um enigma singular e universal, ritual humano, transposição de mundos. O "*in*fans" ri, o inconsciente ri, riso gozado, escárnio da espécie frente à farsa específica da identificação. Que não é mais que uma alienação. Paradoxo da existência: tendo acesso a uma identidade, o ser se torna o outro de si mesmo. O princípio de tudo é ser um outro, que o faz membro de uma tal família, filho de seus pais, portador de um nome que o marca⁹.

8. Cathérine Clément, *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*. Biblioteca Freudiana Brasileira, Ed. Moraes, São Paulo, 1983, p. 66.

9. Idem, p. 67.

A unidade de seu corpo lhe é permitida, concedida, transmitida por um olhar, não um olhar neutro que constata mas que investe libidinalmente um desejo. A mãe, desde o primeiro instante de sua vida tem guardado, no fundo do olho, o seu olhar. E quando esse olhar encontra a massa para seu desejo, começa o processo de modelagem humana. Um nome, as roupinhas, o talco, o banho, as carícias, o medo, a raiva, a frustração, o tempo, o seio, a dor, o sono atrasado, a plenitude, o futuro... tudo isso e muito mais, gestos e palavras misturados nos toques que vão conformando seu filho numa rede que só é familiar porque também é social, histórica, econômica e política. A mãe é o porta-voz do Outro e nesse estão contidos todos os elementos culturais de nossa aventura humana.

Portanto, o batismo é uma cerimônia realizada a cêu aberto, atravessada por toda sorte de desejos cruzados, desde o desemprego do pai à falta de babá para a criança, da piscadela do acougueiro à festa de sábado, o vestido novo, as contas do mês, os pacotes do governo, a insônia, a barba por fazer... são mil espelhos que irão passar pelo olhar da mãe. É surpreendente a capacidade humana de juntar todos esses fragmentos num todo socializado.

A junção das partes, entretanto, aquilo que permite a lenta, porém inexorável identificação do bebê, lhe vem não das palaavras, mas da fala de sua mãe. As palavras estão aí, mas é a fala que irá ordená-las segundo o desejo. A mãe, ao se referir ao seu filho(a) ao tocá-lo(a), ao alimentá-lo(a), estará falando com ele(a). Sua fala é permeada pelo seu desejo, e isto é o que cola nas palaavras o mel da libido. Somente a fala é investida libidinalmente. Daí o seu poder de criar imagens, formas, identificações.

Vamos nos ater, neste momento, apenas ao que, no processo, se refere à filha. Perguntamos: de que espécie de palavras dispõe esta mãe para falar à sua filha? Existirão, no armazém lingüís

tico produtos simbólicos de boa qualidade para esta mãe nomear o sexo de sua filha? Existirão bons lugares para ela no vasto mundo? E na família? Se a posição do signo-mulher no jogo lingüístico lhe confere um desvalor constitucional, portanto, como investir libidinalmente a sua imagem, com que suportes lingüísticos?

Todas essas questões nos remetem, evidentemente, à própria constituição sexual da mãe, suas imagens, seus fantasmas. Ora, tudo isso passa pela condição social da mulher no mundo. Sua própria libido está em função das reservas simbólicas existentes.

O que pretendemos evidenciar é que, embora o processo de identificação seja o mesmo, tanto para o homem quanto para a mulher; embora as imagens, os fantasmas sejam componentes essenciais para ambos os sexos como a única maneira de se ter acesso à identificação, isto se dá de forma diferenciada em relação à mulher. Queremos supor a hipótese de que, em determinado momento ocorre uma diferenciação radical, em termos qualitativos, essenciais. Essa diferenciação é introduzida pela linguagem. O arsenal de palavras existentes ao nosso dispor, o material de suporte para que as imagens possam ser investidas pelo desejo, diferenciam axiologicamente. Pior, essa diferenciação axiológica está presente, de forma visível, codificada, na própria estrutura da língua, não somente dificultando uma outra apreensão possível da realidade, mas também conferindo ao processo um caráter de diferenciação essencial, já que toca na raiz, na essência do projeto humano.

A análise anterior da linguagem apontou para a invisibilidade do gênero feminino e, conseqüentemente, também do sexo feminino no código; para as aberrações de sentido, os termos pejorativos, os ditos populares, as máximas dos filósofos, enfim, toda a parafernália lingüística que representa o único suporte disponível para ba

lizar o caminho da identificação feminina dentro da família humana. Diante disso, e sabendo que as exceções apenas confirmam a regra, não podemos deixar de nos surpreender com o fato de que alguma mulher possa ter escapado dessa artilharia pesada, e constituído sua identidade sem as marcas dessa fôrma.

Por outro lado, é importante lembrar que esta análise tem o respaldo de dados empíricos, testemunhos coletivos dessa experiência de vazio simbólico, essa intolerável inexistência de referenciais simbólicos que suportem a autonomia feminina. Durante 5 anos mantivemos contatos periódicos com duas mil mulheres envolvidas com problemas de violência conjugal. A maioria absoluta apresentava comportamentos de submissão a valores machistas, dependência econômica e psicológica a um homem (pai, marido, companheiro, filho) e sentimentos de impotência face à necessidade de resolver sua situação. As desculpas e os argumentos que usavam para justificar sua submissão eram sempre os mesmos. Recusavam, em sua maioria, a ajuda de uma terapia e não encontravam dentro de si, forças (referenciais simbólicos) que legitimassem (sem sentimentos de culpa) o seu esforço para buscar uma solução para suas vidas. Pareciam mulheres marcadas por alguma sobredeterminação inconsciente, que escapava à sua compreensão, a seu controle e a qualquer possibilidade de ajuda de nossa parte.

Isso provocou a suspeita de que talvez esse vazio simbólico pudesse produzir efeitos não só a nível de comportamentos e atitudes, mas, principalmente a nível de formações inconscientes. E elaboramos nossa hipótese de que as palavras usadas para nomear o sexo feminino seriam dados viciados de um jogo ideológico, cujos elementos, no processo de estruturação do psiquismo da mulher, talvez ocasionassem a sobredeterminação, a nível inconsciente, de formas de aquiescência psicológica e social à dominação. E que, por sua natureza, de-

terminariam o processo como um todo, e não de forma arbitrária. Embora cada mulher tome posse desses dados de forma singular e pessoal, isso não as redime de uma mal-dição originária.

É preciso ressaltar que, com isso, não estamos discordando de Lacan, quando este aponta para o "duplo jogo de combinação e de substituição do significante, segundo as vertentes geradoras de significado, que constituem a metáfora e a metonímia"¹⁰. Contudo, achamos importante rever essa questão, acrescentando-se a ela esta relação específica do ser humano com os jogos significantes, e de como isto pode ser afetado pelo material lingüístico do qual ele se serve.

Se realidade, como vimos, é idêntica ao efeito do "duplo jogo de combinação e substituição" que percorre a cadeia de significantes (S) sobre a barra do significado (s), o que estamos sugerindo é simplesmente isto: tendo em vista determinada realidade (r') supomos que algo ocorre entre o significante e o significado, ou seja, desaparece a barra, para o jogo, e a identidade entre r' e s surge como um sintoma. Em outras palavras: esta mulher é submissa (r') porque a mulher é submissa (s). Convertendo-se num silogismo, ficaria assim: toda mulher é submissa; x é mulher, logo x é submissa.

É evidente que esta identidade é forjada, no entanto é vivida como real. Apontar para as manipulações político-ideológicas que instituíram o código, estabelecendo as relações de poder entre os sexos é ficar andando em círculos. Nossa proposta não é saber quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha, mas, como nasceu.

Diríamos que, ao erigir-se em sujeito, o ser adquire a forma desse mesmo corte que o instaura; mas, a mulher, "como se houvesse sido vítima de uma repressão particularmente inexorável"¹¹, so

10. A significação do Falo, in Jacques Lacan, *Escritos*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 283.

11. Sobre a Sexualidade Feminina, in Sigmund Freud, *Obras Completas*. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 3078.

frerã em seu corpo, de uma forma específica, a sua conformação à Lei.

O que a psicanálise diz sobre a sexualidade feminina? Embora tenha reconhecido "a impossibilidade de traçar um paralelismo puro e simples entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino"¹², Freud, ainda assim, se permitiu tirar conclusões sobre o processo de identificação sexual da mulher a partir do modelo masculino.

De uma forma bem sintética, diríamos que Freud ressaltou 3 momentos pré-edípicos para a mulher. No início, uma intensa fixação na mãe, aliás, como também ocorre com o menino. O desejo de ser, para a mãe, o objeto de seu amor, seu falo. Depois, vem a descoberta de que é castrada, porque não tem o pênis: "ela reconhece o fato de sua castração e com isso, também a superioridade do homem e a sua própria inferioridade"¹³. Aqui já se nota o peso dos significados na teoria, a armadilha das palavras submetidas ao jogo do poder. Porque essa colocação em termos valorativos, se não houvesse a sua confirmação simbólica no mundo? Porque o visível erigido em símbolo de poder? Aqui a Lei entra no inconsciente feminino já como uma degradação real, embora vivida imaginariamente: a menina pensa que não é o falo da mãe porque não o tem. O quê? O homem responde: o pênis.

Ocorre que, como vimos, não existem referenciais simbólicos que garantam à menina o uso narcísico de seu órgão de prazer, aliás, o único que ela conhece então, e que não é a vagina. Há ainda um outro aspecto e que vem sendo bastante discutido em grupos de reflexão entre as mulheres. Refere-se ao grande receio das mães, em tocar o clitóris de suas filhas, ao contrário do que acontece com os filhos homens. Durante a limpeza diária, elas confessam se preocupar mais com a vagina propriamente, com mil recomendações e cuidados.

12. Sobre a Sexualidade Feminina, in Sigmund Freud, *Obras Completas*. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 3080.

13. Idem, p. 3081.

O clitóris é absolutamente ignorado. Como foi dito antes, elas nem sabem como chamá-lo!

Ora, tudo isso é muito grave, se nos lembrarmos que é a mãe que, com toques de carinho e de palavras, vai despertando no corpo de sua filha zonas de prazer. Mas, para isso, era preciso que ela os tivesse despertados em si. Portanto, sem uma práxis do sexo no feminino, vamos ter que continuar seguindo Freud, sentindo inveja do pênis e raiva de nossa mãe por essa brincadeira sem graça. Aliás, es se é o 3º momento edípico, segundo Freud, o ressentimento da filha pela mãe a quem culpa pela sua "*inferioridade orgânica*"¹⁴. Imaginariamente isso se expressa por sentimentos de ter sido abandonada, de ter sido odiada ou até desmamada antes do tempo.

A decorrência de tudo isso é trágica, para a mulher. De acordo com a teoria, são 3 os caminhos da sexualidade feminina, cada um deles levando, evidentemente, a uma neurose específica. Bastante frustrada com o sexo confuso que possui, a menina pode renunciar de definitivamente a toda atividade sexual; ou pode não se conformar com o fato de não ter o pênis e adotar a performance masculina. Por último, e este é o caminho mais seguro para se atingir uma "*sexualidade feminina adulta*" (e vaginal), é se conformar com a sua castração e naturalmente buscar, como compensação, desejar ter um filho.

Passamos de uma forma demasiadamente rápida pela teoria da feminilização, em Freud, por 2 motivos: primeiro, porque, embora suas premissas sejam aceitas pela grande maioria dos psicanalistas, a meu ver elas deixam o enigma intocado. É evidente que, clinicamente, tais conceitos tem sido demonstrados todos os dias, e, por esta via, confirmados. Isso lembra a história do pescador que afirmava só existirem naquele rio peixes do tamanho daqueles que sua rede pegava.

14. Sobre a Sexualidade Feminina, in Sigmund Freud, *Obras Completas* Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 3081.

Ora, os símbolos são as redes que nos permitem pensar a realidade. No momento em que o estatuto sexual da mulher sofre uma espécie de rebaixamento veiculado por toda uma série de interditos (a menina vai se dando conta disto pela linguagem, pela observação do papel materno na família, pelas proibições, pelas brincadeiras dos adultos, etc), estamos diante de um fato relevante para a identificação da mulher.

Queremos supor que não basta recorrer ao Édipo masculino e aplicar o mesmo processo na interpretação da feminilização. Para cada Édipo houve uma Jocasta. Mas, que espécie de Jocasta terá havido para cada filha? Que espécie de relação com a mãe ocorre quando o que está em jogo não é exatamente a falta de um pênis, mas o sentido dado a esta falta? Sentido este que passa por todas as mediações ideológicas da sociedade, por todas as situações concretas vividas por esta mãe até o momento de embalar esta criança-mulher?

Diversos estudos antropológicos têm criticado a teoria freudiana de normatização sexual feminina. Alguns apontam para o Édipo como a legitimação da hierarquia entre os sexos, na medida em que se configura uma introjeção dos mecanismos psíquicos de subordinação à autoridade, representada obviamente pelos "que têm". Outros acreditam que não é o pênis que a mulher inveja, mas sim o estatuto privilegiado dos "que têm" em nossa sociedade.

Por outro lado, parece-nos que essa insistência no anatômico, apenas reforça o aspecto imaginário da questão. Não podemos esquecer que a apreensão do corpo se dá também pelo simbólico. Pênis-neid? Porque não? A questão de fundo não é essa, mas sim, das condições através das quais o psiquismo (no caso, o feminino) se apropria daquilo que é visível e o converte em subjetividade. Ou seja: de que maneira a menina constata que não-ter significaria ser-menos ou até

mesmo não-ser? Em que condições ela apreende seu corpo e nele as regiões de prazer? Em que nível de precariedade pode florescer o seu amor narcísico, pedra fundamental para sua realização amorosa no mundo?

É aí que encontramos o grande vazio simbólico que marca a mulher com o signo de desvalia, de ser-menos. O olhar de Jocasta para o corpo de sua filha não é o mesmo olhar de Jocasta para o corpo de seu filho. Nele, ela investe o objeto de seu desejo e o converte em Édipo. Não será todo o drama edípico um doloroso libertar-se desse desejo que aprisiona, submete, mata? Nela, ocorre um investimento cheio de ambigüidade, porque a menina é um objeto do desejo materno (tal como o filho) mas é um objeto que reflete a própria mãe enquanto também objeto do desejo do outro. A identificação é recíproca, na medida em que também a mãe se vê na filha.

O que estamos tentando sugerir é que não se trata de um problema ligado unicamente à educação, mas de processos de identificação inconscientes ligados à educação pelo desejo. Sem restituir à mulher a fala plena de seu desejo, não há como falar em conscientização senão como um processo que passa ao largo, sem revolucionar toda a estrutura de sua vida.

Insistimos na questão da linguagem porque a apreensão do corpo, pela criança, só adquire consistência, unidade, ao se refletir no espelho do olhar de confirmação da mãe; e este processo passa inextricavelmente pelo viés da linguagem. Portanto, todo corpo é um corpo in-vestido de palavras.

Retomando uma concepção de Adam Schaff, as palavras são os "óculos sociais", os corredores semânticos por onde a realidade pode ser "vista". Encarcerada, pois, na opacidade imaginária do espelho que lhe devolve a imagem de um corpo mal-dito, como "ver" a reali

dade de outro modo senão segundo o referencial masculino prodigamente simbolizado? É nesse contexto que deveriam ser colocadas proposições psicanalíticas como sentimentos de inferioridade, ressentimento da mãe, pênis-neid, etc.

b) O Poder do Não-Poder

"O homem, para a mulher, é sempre um meio; o fim é sempre o filho".

Freud surpreendeu-se com a aparente falta de propósito teleológico dos dois órgãos sexuais da mulher, a vagina e o clitóris¹⁵ mas, longe de ver nisso algo "a mais" viu, pelo contrário, inferioridade e uma disposição bissexual mais acentuada do que no homem. Isto nos remonta ao capítulo I, quando tratamos da questão do saber como re-conhecimento, isto é, de um saber prêvio à pergunta. Édipo é uma rede adequada, evidentemente, a pescas edípicas: os peixes menores lhe escapam; e os maiores ele não sustém. Tudo que apanha, portanto, traz a marca de seu tamanho. Isto fica bem claro na concepção do "penisneid" que, segundo as palavras de Lacan, somente na "medida em que a mulher se acha numa ordem simbólica de perspectiva androcêntrica, que o pênis adquire este valor"¹⁶. Embora o que esteja em questão seja o falo e não o pênis, diz que seu emprego simbólico só é possível porque ele é visível, porque está erigido. "Do que não se vê, do que está escondido, não há emprego possível"¹⁷.

15. Sobre a Sexualidade Feminina, in Sigmund Freud, Obras Completas. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 3079.

16. Jacques Lacan, O Seminário, livro 2. Zahar, Rio de Janeiro, 1985, p. 341.

17. Idem, ibidem

Um olhar psicanalítico diria, talvez, do que não se quer ver... porque há uma outra história se desenrolando do outro lado, numa outra cena. Existe a história da mulher, da luta silenciosa de seu desejo teimando em criar símbolos que o representem, inventar gestos que o falem no mundo. É preciso não esquecer que existe a outra. Que existe Lilith.

Diríamos mesmo que esta outra história se desenrola sob o peso de um inconsciente reduzido ao "estado de crença"¹⁸. Quem lhe injetaria crenças? Lacan já se referira ao inconsciente feminino como uma produção do homem, na qual, acrescentaríamos, é vital que o desejo da mulher permaneça reprimido. Nenhuma sociedade poderia suportar uma posição de desejo verdadeiro — o desejo, não a festa revolucionária — sem que suas estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia sejam comprometidas¹⁹. Se uma sociedade se confunde com essas estruturas, e especialmente quando se trata da própria condição de existência de metade da população mundial, é essencial que o desejo seja reprimido.

A questão que se coloca, e que a problemática feminina toca fundo, é como se opera essa inversão do desejo ao "estado de crença", ou seja, como o desejo se torna desejo de ser reprimido?

Este é um dado facilmente constatado em mulheres que subordinam-se não só a valores machistas que lhes impõe humilhação e sacrifício, mas também a degradação de ordem moral que esta subordinação acarreta. No entanto, não são capazes de modificar esta situação e muitas sequer colocam esta possibilidade. Querem continuarem submetidas.

18. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *O Anti-Édipo*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 151.

19. Idem, *Ibidem*.

Em relação à teoria freudiana de normatização sexual feminina, colocamos, no item anterior que qualquer saída edípica para a mulher nos parecia insatisfatória, no momento em que ela seria inexoravelmente pega pela rede da linguagem e reduzida ao mero papel de reprodutora de sujeitos mais ou menos edipianizados.

Ora, a repressão joga justamente com esse fator de fragilização constitucional da mulher, impondo-lhe regras e valores como verdades sobre seu ser. Citamos o exemplo da França, no século XVIII, onde foram investidos vários discursos pelo Estado para convencer as mulheres dos bens e dos prazeres da maternidade. Uma das conseqüências mais imediatas dessa violência ideológica foi o sentimento de culpa entre as mulheres. Aquele fenômeno, entretanto, se deu num contexto político e econômico específico. Na verdade, não é preciso muito esforço para reconhecer a mesma intenção codificada no conjunto de regras e valores que regem nossa sociedade. Tendo ou não lido Rousseau, as mulheres revivem suas personagens.

Nesse ponto esbarramos inevitavelmente com uma certa concepção piramidal da família que, embora bastante questionada por estudos sociológicos e antropológicos, ainda a coloca como célula, núcleo e reduto impermeável de reprodução social da espécie. Entretanto, a problemática feminina aponta justamente para perfurações, para elementos externos que atravessam essa pirâmide familiar por todos os lados, fincando definitivamente suas bandeiras nos territórios inconscientes. A função dos referenciais familiares que se transmitem gerações afora, antes de se constituírem como balizas para o desenvolvimento humano, são os seus limites. Veja-se a institucionalização das relações de poder entre os sexos que a pater-família reproduz e alcança o seu auge na codificação da hierarquia em leis do Código Civil.

Todavia, a em Édipo que é preciso buscar as raízes. Poderíamos emprestar de Deleuze-Guattari sua irreverência e questionar o imobilismo edípico, quando eles dizem que

"não é preciso atacar Édipo no ponto mais fraco [os selvagens] mas no ponto mais forte [...] mostrando a deformação que ele implica e opera na produção desejante, nas sínteses do inconsciente, nos investimentos libidinais de nosso ambiente cultural e social". 20

Eles criticam a psicanálise freudiana justamente por deter-se perante aquilo que lhe permitiria dar o salto, denunciando a armadilha que se tornou Édipo como uma forma de codificar o incodificável, o que escapa dos códigos, ou seja, os fluxos do desejo.

"Os desejos edípianos não são recalçados [...] eles estão numa relação íntima com o recalçamento [...] são o engano, ou a imagem desfigurada através da qual o recalçamento - prende o desejo numa armadilha. Se o desejo é recalçado não é porque ele é desejo da mãe e da morte do pai; ao contrário, ele se toma essa máscara sob o recalçamento que a modela e nele a coloca". 21

Esse propósito só é alcançado mediante certos artifícios que assumem a forma de lei. Mas, para que sejam assumidos por todos, de forma natural e quase espontânea, é imprescindível que sejam conformadas no inconsciente formas de aquiescência à autoridade e à lei. Este é o estado de crença do qual fala Guattari, estado ao qual foi reduzido o desejo pelo artifício de Édipo. Cortam-lhe as asas para que se submeta à domesticação, ao uso como agente de reprodução do sistema de dominação.

Em "Totem e Tabu", Freud afirma que a lei só proíbe aquilo que é desejado. Não seria preciso proibir o que não se deseja.

20. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *O Anti-Édipo*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 151.

21. Idem, *Ibidem*.

Esta seria a constatação lógica, o último esforço da razão para justificar o irrazoável, mas que revela apenas "a ignorância das astúcias e dos procedimentos da lei"²². Na verdade, ocorre um deslocamento, ou seja, a proibição de algo fictício na ordem do desejo acompanha um certo investimento, uma certa canalização do desejo nesta direção. "Faz-se como se fosse possível concluir diretamente do recalcado a natureza do recalcado, e também da proibição a natureza da proibição"²³.

Desse modo, segundo Deleuze-Guattari, se produz um "desejo envergonhado", pronto a "renunciar a si mesmo em nome de interesses superiores da civilização"²⁴. As pulsões incestuosas são se tornam incestuosas num quadro geral de proibição do incesto. Édipo se constituiu num recorrente transcultural dentro de determinadas conjunções históricas, porque representa o elo de conjunção entre a materialidade das relações sociais e a produção simbólica.

Num plano mítico, diríamos que a proscrição do sexo feminino foi algo concomitante com o surgimento de Édipo. Um não poderia existir sem o outro. É porque reduzida ao silêncio simbólico que a mulher tornou-se assujeitada à reprodução de sujeitos edipianizados. É porque teve o seu sexo silenciado que o fez explodir pela única via permitida, e a procriação passou a ser para a mulher, a expressão de seu poder. Joga com isso, porque disso depende o seu reconhecimento como mulher. Na verdade, não há do que se surpreender se, nesse domínio, "o homem é sempre um meio; o fim é sempre o filho"²⁵.

22. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *O Anti-Édipo*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 148.

23. Idem, p. 149.

24. Idem, p. 150.

25. Das Mulheres, velhas e jovens, in: *Assim Falou Zaratustra*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977, p. 80.

As conseqüências dessa manipulação do desejo são trágicas, na medida em que implicam um processo em cadeia. A mãe, como já vimos, é um agente multiplicador nesse processo. Se o caminho para seu próprio desejo tropeça, de saída, com um comércio ilegal; se a única forma de adquirir "*status*" no mundo, de ser reconhecida e respeitada, é colocando o seu sexo a serviço da procriação, então seu filho correrá sérios riscos de se tornar um instrumento de troca. Estará para sua mãe como uma dívida, uma perda ou um ganho. De qualquer forma, algo do qual ela se apossa como quem negocia: valerá exatamente conforme o preço que ela teve de pagar em termos de renúncia e anulação de si. Ódio e amor estarão mesclados para sempre, na exata medida em que se mistura a repressão sexual da mulher no caldo cultural em que está embebida a família.

O estudo da problemática feminina quase sempre permanece na periferia porque incomoda, provoca e desafia instâncias assentadas do ego. Aprofundar nessa temática, desarrumar a casa significa se expor e expor a razão aos seus limites humanos. Porque se trata de atravessar a fôrma que nos con-forma. Desmascarar a mãe como agente ambíguo nesse processo, desmitificar sua função é integrá-la no mesmo movimento que a gerou, sujeita às mesmas forças. Portanto, ir além do movimento aparente que coloca ao sexo feminino uma única via possível de expressão, é buscar a fonte que o alimenta.

E esta fonte jorra de um ponto, um ponto no qual, contudo, se situa o universo humano que é a linguagem. Nela estão submersos todos os aspectos da vida, sejam eles sociais, políticos e econômicos. Ir além desses aspectos é ir de encontro a um momento mítico que inaugura a existência humana: o símbolo.

Que exista uma íntima relação entre a sujeição da mulher e o engendramento de Édipos, parece bastante claro. A luta de morte que se trava entre o filho e a mãe para o rompimento dessa relação

dual está na mesma proporção da insistência da mulher em transformar o filho-falus no objeto de seu desejo.

Ora, porque ela insistiria tanto na preservação desse objeto (o filho) não fosse pressentir que ele é a única garantia de seu desejo? Senão que somente nele (o filho) e por ele, ela é reconhecida sexual e socialmente?

Qual o estatuto da mulher que todo o universo lingüístico prescreve e codifica senão o de ser mãe? Portanto, é sendo mãe até suas últimas conseqüências que ela se torna re-conhecida como mulher.

Para que esse processo de con-formação do seu desejo ao desejo de ser mãe tenha bom termo e passe por verdadeiro, entram em ação não exatamente os mecanismos ideológicos, mas sim, os mecanismos afetivos de preservação da imagem, ou seja, a exarcebação do imaginário. Que é o terreno onde as ideologias vão florescer.

CAPÍTULO IV

AS PAIXÕES DO EGO: O AMOR, O ÓDIO E A IGNORÂNCIA

a) O Amor

"...que a vossa honra consista em
vosso amor..."

A instância psíquica dita egóica, sede do EU, é formada, como já vimos, por uma série de identificações firmadas pelo selo libidinal dos investimentos maternos. As paixões se sustentam por uma exarcebção do imaginário que, por uma rebeldia em relação à castração, constituem formas de trapacear com o desejo.

"A questão se prende ao aprisionamento a uma primeira imagem que o constitui. A paixão congela o tempo numa forma imagética. Trata-se da imagem especular, porque única, do sujeito, que tem como função enganar, camuflar a questão da morte e do impossível". 1

Vejamos: o sujeito é capturado por uma imagem de si, que confere unidade ao seu corpo fragmentado ao mesmo tempo em que atesta sua absoluta dependência ao olhar de reconhecimento do outro. Trata-se de um processo atravessado pela angústia. Por um gosto de morte.

1. A Estátua do Amor in Sonia Nassim, "A Diferença Sexual. Ed. Aoutra, Rio de Janeiro, 1984, p. 42.

É, pois, dentro do cárcere desse imaginário que o EU se torna o eterno amante de si mesmo. Imobiliza o tempo e rejeita a morte, na tentativa de burlar o desejo. Estamos em pleno campo da neurose. Aqui as paixões se alastram como erva daninha, numa eterna repetição do mesmo olhar da infância, num incessante recomeço onde, de verdade, nunca se começa nada de novo.

Dentro desse campo libidinal narcísico, o que faria com que o sujeito abandonasse suas pulsões auto-eróticas em direção ao objeto? O erotismo, desde sempre, tem sido algo artificioso, um meio de enganar o sujeito sobre sua própria "Spaltung" originária. "...através das pulsões os objetos se tornam erotizados e portanto, portadores daquela chama que 'engana' o sujeito sobre a parte dele mesmo da qual está cortado. Nunca houve unidade; nem consigo mesmo [...] nem com o objeto"². Existir é exatamente isso, estar no corpo como uma borda, estar costurado pelos pontos que Eros distribui pelo corpo organizado segundo o desejo³.

Nessa perspectiva, portanto, a busca de complementaridade entre o homem e a mulher é uma aporia, porque o que Eros busca, afinal, é sua própria unificação. É ser completo. Um todo indivisível. Na raiz de tudo há um anseio narcísico, cuja cristalização imaginária num só sexo aponta de saída, para uma posição homossexualizante.

A paixão é este engano do mesmo. Mesmidade absoluta. Indiferenciação. Seu artifício consiste em permitir a ilusão de que, através do outro amado, eu existo concretamente. Juntos formamos um todo completo, concreto, centrado em si mesmo. A essência da

2. Moustapha Safouan, *A Sexualidade Feminina na Doutrina Freudiana*. Zahar, Rio de Janeiro, 1977, p. 136.

3. Idem, p. 133.

paixão é essa experiência subjetiva de só existir no outro. Essa identificação profunda é, todavia, sempre vivida na angústia, no medo, no temor da perda. Que não é, em última instância, temor de perder o outro, mas sim, de perder a ilusão de ser, de ter a si mesmo no outro.

Essa angústia, que é sempre um travo amargo na boca da paixão, significa a suspensão do tempo — fixação num momento narcísico — e da morte — negação da castração. Ora, lembrando Lacan, o que não passou pelo simbólico, tende a aparecer no real. Para tornar isso mais claro, tenhamos em mente os crimes da paixão. "Se é verdade que a posse do ser amado não significa a morte, também o é que a morte está necessariamente envolvida na busca dele. (...) pois, o que designa a paixão é um halo de morte"⁴.

A exarcebação do erotismo, na paixão, é algo que roça perigosamente os limites do ser. A vivência do prazer se encontra, nos seus limites externos, com a dor e a morte, mais especificamente, com a "dissolução" do ser. Essa imagem que Bataille atribui à paixão é muito rica, porque ao mesmo tempo que comporta a idéia de vida dissoluta, entregue aos prazeres sexuais, também lembra que o erotismo é sempre uma experiência subjetiva de dissolução das formas constituídas de ser.

A paixão é uma identificação ao outro de tal ordem que, levada ao extremo da con-fusão, transgride os fundamentos do próprio ser, na medida em que excede os seus limites. O assassinio e o suicídio, nesse contexto, significariam a "passagem ao ato" daquilo que não foi simbolizado pelo sujeito. Impossibilitado de representar a morte no simbólico, ele a vive no real. É quando a imagem racha que

4. Georges Bataille, *O Erotismo, o proibido e a transgressão*. Moraes Editores, Lisboa, 1960, pp. 20-21.

surge a face mortal do sujeito escondida por detrás da estátua. "Como Dorian Gray, tendo reduzido o tempo à imagem e semelhança do seu retrato, ao ser morto, mata"⁵.

O tragicômico quase sempre roça o cotidiano de forma a parecer natural e integrado em nossa vida o que escapa de nosso entendimento. Pensava nas formas da Jurisprudência, com suas artimanhas reconhecidamente partilhadas e aceitas, embora à margem do Código, e que conspiram subterrâneamente para manter a respeitabilidade das paixões. Assim, em nome da "defesa da honra", "da perda momentânea da razão" ou da "forte emoção" são absolvidos os crimes da paixão.

Não poderíamos passar pela paixão sem o conceito de gozo fálico, ou seja, aquele que responde à questão do sujeito de forma encobridora. Um jogo de faz-de-conta que tem início na história de sua origem. O falo na berlinda: o que é o falo? Um significante sem significado, diz Lacan. E que justamente por não ter significado, pode assumir imaginariamente todos os significados. Gozo fálico seria, pois, o gozo de uma mentira, de uma ilusão. E o amor? Onde começa o amor? O pano de fundo é sempre o narcisismo, só que o amor brota da vivência da aceitação da falta e da morte. "É essa experiência que (...) coloca o sujeito de encontro com sua segunda morte, morte da imagem, fronteira do desconhecimento"⁶. No amor, o que está em cena é o reconhecimento da verdade do outro, enquanto diferente. A paixão é auto-referente. Não sai do mesmo, do igual, do coincidente. É a repetição ao infinito do mesmo no tempo que dele fez estátua. O amor se dirige ao Outro, ao diferente, ao desejo do outro... Quanto mais desejo mais me torno desejável, recita Diótima a Sócrates. Isto significa que é do lado do amor que está o ativo, a

5. A Estátua do Amor in Sonia Nassim, *A Diferença Sexual*. Editora Aoutra, Rio de Janeiro, 1984, p. 44.

6. Idem, *Ibidem*.

ação, o desejo que estimula a ação, enquanto que o amante, na paixão, está passivo, à mercê de sua própria imagem.

Se é verdade que "o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, quanto porque seu primeiro desejo é ser reconhecido pelo outro"⁷, por consequência, o amor também guarda uma íntima relação com a linguagem. Pode-se mesmo dizer, como La Rochefoucauld, que as pessoas jamais se apaixonariam se não tivessem jamais ouvido falar do amor. O que isto demonstra senão "[...] um reconhecimento au têntico do que a fala traz de amor"⁸.

A mãe embala seu filho com palavras de reconhecimento. Devido ao afeto que veicula, que pode ser positivo ou negativo (ódio ou amor), as palavras maternas preñhes de libido são o reconhecimento que vão fundar, nos planos simbólico e imaginário, a vivência do amor. No futuro, o presente se constituirá como pontuações carregadas de sentido de frases no pretérito. Um gesto, um olhar, e dispara a cadeia significante para significar um novo amor. Que é sempre reprise. Seu mistério é habitar num mesmo tempo, mundos diversos, ou seja, as representações simbólicas e imaginárias do amor, onde ancora, "en passant", o real do sujeito. Este é o "almo", expressão de Lacan para designar uma metáfora, o amor da alma. O que ele diferencia do ato de fazer amor⁹, das paixões do ego pela imagem, da confirmação do mesmo "ad infinitum", que são formas pervertidas do amor. Ao contrário da paixão, que se fecha sobre si mesma, o amor se abre para o novo, para o diferente, o desconhecido. Portanto, nesse debruçar-se para o outro há o reconhecimento da diferença sexual.

7. Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise in Jacques Lacan, *Escritos*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 132.

8. Idem, *Ibidem*.

9. Deus e o gozo d'A Mulher in Jacques Lacan, *Seminário 20, Mais Ainda*. Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 98.

Homero, em sua epopéia, relata como Circe, uma deusa da mitologia grega, desejada e temida por todos os navegantes, foi salva pelo "almo~~x~~". Circe habitava uma ilha encantada, banhada por águas mornas, e seu canto enfeitiçava os homens que por ali passavam, fazendo com que interrompessem sua viagem e não a retomassem ja mais. Ulisses sabia desse perigo e evitava passar, com seus homens, diante dessa ilha misteriosa.

Conta o mito que o erotismo de Circe era vivo e ardente, por detrás de uma aparência bela e tranqüila. Por isto pegava os homens desprevenidos, seduzindo-os e subjugando-os totalmente. E o seu ódio transformava-os em porcos. O perigo da ameaça que representava chegou até Hermes, princípio da consciência racional, que ofereceu a Odisseu uma erva secreta capaz de dissolver o encantamento de Circe. Mas, o veneno não surtiu efeito, e o herói se viu, de repente, nos braços da deusa temida. E eles se amaram. Entre os dois tinha havido um pacto. O princípio racional se aliou ao erotismo vivo, criando uma nova unidade de amor. "E Circe foi amada por aquilo que era. Se vendo aceita e reconhecida, rompe-se o circulo de magia que os envolvia e surge a verdade das duas partes"¹⁰.

Um pouco antes e falamos dos crimes da paixão. Estatísticamente já foi comprovado que a maioria quase absoluta desses crimes é cometida por homens. A agressividade é um componente culturalmente atribuído a características masculinas, o que contribui, certamente, para que não se questione tal comportamento.

Mas, a agressividade é um elemento constitutivo do ser humano. No estágio do espelho, a luta que instaura a imagem é uma luta de morte. O outro é sempre uma ameaça constante à minha integridade. Na mesma medida em que ele atesta minha identidade, tam-

10. Roberto Sicuterra, *Lilith Lua-Negra*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985, 1º capítulo, p. 101.

bem lembra a minha morte. A morte da imagem. Por isto a paixão é tão arrebatadora.

No entanto, se estatisticamente os homens superam as mulheres nos crimes da paixão, não será porque os homens não são, para as mulheres, o objeto da paixão? Na mulher, a agressividade vaz por canais misteriosos e invisíveis. Que querem da mulher? O que o universo simbólico repete sem cessar, por todas as vias imaginárias e lingüísticas, configurando um inconsciente forjado sob a pressão do desejo do outro? Que a mulher não seja mais que mãe! Sexo confisca do para o gozo da maternidade. Portanto, se sua imagem, desde as origens, é a de mãe, sua paixão se dirigirá para aquele, e só aquele que pode mantê-la e guardá-la para sempre.

A ausência de símbolos que referenciem o seu sexo positivamente, tornam a mulher um ser enigmático, muito mais para ela própria. A criança, em sua prematuridade, recebe em cheio todos esses fluxos vindos de uma teia onde confluem desejos e projeções fantasmáticas da mãe. O que flui junto com o leite nunca se saberá jamais. Ela apenas sente, lá no fundo de suas entranhas, que é mãe porque assim foi feita — os símbolos o confirmam, a linguagem o diz, todo o contexto social o aprova — e ela se aferra a esta imagem de mãe como uma "leoa" com seus filhotes. Até a Lei reconhece como legítimo o seu direito aos filhos. Em casos de separação, somente em casos excepcionais o homem consegue a guarda dos filhos. É como se a paternidade fosse um mero papel social. Tudo conspira, como foi dito antes, para se manter a respeitabilidade das paixões.

Terá ficado claro que a paixão é um jogo de vida ou morte? E que, para a mulher, é o filho e não o homem, que responde à sua paixão? Mesmo quando assume o lugar de marido ou companheiro, o filho pode ainda estar presente. Desde que ele (o homem) responda

desse lugar. Sobreviver dentro dessa ambigüidade, crescer junto com ela, é estabelecer, para sempre, relações de ambigüidade com o outro sexo.

O que nos salva do delírio materno é o amor. Esta, a mensagem do mito. Só quando amada a mulher pode amar. Isto significa ter uma falta dentro de si e saber, no outro, uma falta. O mistério do amor tem a ver com um ponto enigmático, obscuro, que escapa ao domínio do entendimento.

b) O Ódio

"... que o homem tema a mulher quando ela odeia..."

Vimos, no ítem anterior, que o gozo fálico seria o gozo de uma mentira. O que pode ser atributo tanto de um quanto do outro sexo. Não é porque tem o falo que o homem se coloca do lado da mentira. Aliás, quando se afirma que a posição feminina é aquela da condição de uma falta, não é a falta de um pênis mas a falta para ser. Também não significa que esta seja uma posição exclusivamente da mulher. Qualquer sexo pode ocupar esta posição, que é o "manque-à-tre", a condição do sujeito.

M. D. Magno ressalta que é justamente lá, onde o homem se crê homem, desse lugar em que ele põe fé e exige para si, que ele é um imbecil¹¹. Erigir a ereção em verdade é uma mentira à qual toma o homem para conhecer a mulher. Num estudo sobre a sexualidade feminina, Safouan define, a propósito do falo, que ele não é senão o que torna cômico o falicismo. "Um falicismo que se apossa até das

11. O homem, uma mulher; perda e renúncia in Sonia Nassim, *A Diferença Sexual*. Ed. Aoutra, Rio de Janeiro, 1984, pp. 114-115.

teorias"¹².

Sobre isto existe também aquela crítica de Lacan às analistas femininas que apesar de suas súplicas, "não fizeram avançar um dedo a questão da sexualidade feminina". Segundo ele, "deve haver uma razão interna para isto, ligada à estrutura do aparelho do gozo"¹³. Ora, o falicismo, ao se apossar das teorias, de há muito já havia se apossado da aparelhagem do gozo, que é a linguagem. Se entendemos que os limites da realidade estão na exata medida do alcance das palavras, resta saber então como utilizar essa aparelhagem fálica para falar de um gozo que está "para além do falo"¹⁴.

Para penetrar nesse obscuro e palpitante mundo das paixões, de pouca valia se torna o instrumental lógico e preciso da razão. As sombras do inconsciente se projetam com menos cautela no terreno histórico dos mitos da humanidade, com suas figuras simbólicas, e de lá lançam luzes sobre a verdade de cada um.

Sobre essa questão do medo ancestral do homem ao ódio da mulher, medo que chega a atribuir à mulher poderes maléficos e diabólicos, existem abundantes representações simbólicas na bagagem mítica da humanidade. Encontramos algumas referências bíblicas¹⁵ sobre a existência de uma mulher anterior a Eva, e que foi criada não da costela de Adão, conforme a versão hebraica do Gênesis, mas no momento "macho e fêmea os criou". Esta mulher foi chamada Lilith, e surgiu representada, desde o início, com as formas bestiais do demônio e da tentação. As escrituras falam que, na tarde do 6º dia, Adão conheceu Lilith e se aterrorizou, sob o peso de uma "tremenda verdade"¹⁶. Seja o que for que isto signifique, se consumou nesse

12. Moustapha Safouan, *A Sexualidade Feminina na Doutrina Freudiana*. Zahar, Rio de Janeiro, 1977, p. 22.

13. Jacques Lacan, *Seminário 20, Mais Ainda*. Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 79.

14. Idem, p. 100.

15. Roberto Sicuterra, *Lilith, Lua-Negra*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1º Capítulo.

16. Idem, p. 30.

momento filogenético, um acasalamento bestial, capaz de fazer perder a razão. Explosão da libido, totalidade erótica, "*tremenda verdade*" que fez Adão renegar sua mulher e tentar submetê-la, mantendo-a sempre por baixo de si.

A versão aramaica do Alpha-Beta conta que Lilith imediatamente se revoltou contra o jugo de Adão e fugiu do paraíso. Perseguida pelos Anjos, foi excomungada por Deus e passou a viver no deserto do Mar Arábico, "*onde as águas chamam, atraindo como mãe todos os demonios e espíritos malvados*"¹⁷. Desde então passou a ser o es pírito da noite, que assombra as pessoas adormecidas, provocando so nhos terríveis de sufocamento. É a sua vingança, a força de seu ódio contra o jugo e a dominação do homem que se negou a reconhecê-la. Lilith foi representada miticamente como uma figura do mal em todas as tradições da antiguidade — sumério-acadiana, egípcia, grego-romana, nas bruxas da Idade Média e na astrologia contemporânea. Associada aos deuses sumérios da libertinagem, Lilith se tornou "*o de monio noturno que excita a volúpia*"¹⁸.

Nas lendas egípcias, o mito assumiu a forma lunar. Assim como Lilith fugiu do éden deixando uma mensagem de rancor e ódio, a deusa lua foge do céu e se faz negra, isto é, vingativa e irritada. A Lua-Negra tinha um poder maléfico que semeava devastação e inferti lidade na terra.

As divindades gregas são idéias, "*são representações de uma verdade que se insinua à alma*"¹⁹. Assim, a figura divina que representa Lilith na tradição grega, é a deusa Hécate, que concentra uma forte carga imaginária destrutiva e aterrorizante. Interessante observar que, justamente na Grécia, onde o mito assume uma riqueza

17. Roberto Sicuterra, *Lilith, Lua-Negra*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, p. 39.

18. Idem, p. 41.

19. Idem, p. 69.

de representações admirável, a mulher-mãe é potencialmente forte, negativa e percebida como um obstáculo à integração viril. Lembremos que a sociedade grega era eminentemente homossexual, e que isto não se deu por acaso. As ligações existem, nas dobraduras da história, e não coincidentemente por esta época surgiu o mito de Édipo cantado pelo poeta Sôfocles.

O mito da Hécate Lua-Negra "*surge no folclore não só co*mo aspecto diabólico da mãe impositiva, mas também como *tentação irascível, concupiscência irrefreável de Eros*"²⁰. Isto sugere não só a idéia de conflito entre tendências incestuosas edipianas reprimidas, como também o impulso para romper com o laço materno. O incubo é o pesadelo típico provocado pela pressão no tórax e uma angustiante sensação de esmagamento e sufocamento. Contava-se que Hécate era a deusa dos abraços mortais. O ódio da mulher continuou assim, pelos tempos históricos, a assombrar os homens, através das figuras míticas das Fúrias, as Lârnias, as Équidnas, as Eríneas, as Amazonas, as Danaídes e várias outras famílias de mulheres belas, horrendas e perversas. Em todas fortemente presente um incontrollável desejo de vingança contra os representantes do primeiro homem na terra, aquele que primeiro rejeitou sua parte-companheira, sua alma-irmã, aquele absolutamente "*outro*" que a lenda registrou como Lilith Lua-Negra²¹.

A "*terrível verdade*" filogenética da mensagem bíblica talvez possa ser entendida como um momento de constatação mítica do desmedido prazer, sentido como ameaça de dissolução e morte na fusão dos dois sexos. Erotismo beirando os limites da perda total da razão. Sua rejeição para os domínios da noite finca os limites da

20. Roberto Sicuterra, *Lilith, Lua-Negra*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, p. 79.

21. Idem, p. 91.

consciência para os lados claros do dia, deixando a mulher e os sonhos entregues aos demonios noturnos do inferno. Isto é a rejeição do desejo.

Penetremos no mito. Toda a exuberância do paraíso não despertou em Adão-andrógino o prazer intenso de se mirar nas águas narcísicas de si mesmo. É de se supor que Lilith se consumou no exato momento do corte representado pela imagem. Sendo dois, a lembrança do UM tornou-se intolerável, e ambos se tomam de amor e ódio um pelo outro. Amor, porque se vêem um no outro; ódio, porque, a partir daí, dependem desse olhar. Embora condenados a viver dessa maneira, cada qual à sua maneira tentou impor-se ao outro. O homem submetendo a mulher a uma posição "por baixo"; a mulher vingando-se do homem, refugiando-se na noite para gerar os filhos do ódio e do rancor. Arriscar-nos-íamos muito se disséssemos que no espaço projetivo do mito originário a sociedade se organizou e se instituiu sob a égide da luta pelo poder? Todavia, sabemos que esta proposição é insustentável, dentro dos limites a que nos fixamos. Seria interessante, apenas, guardar a imagem de Lilith e Adão como uma figura andrógina. Universo fechado. A existência lhes seria concedida sob pena de uma "terrível verdade" vivida como dolorosa lembrança ou esquecimento necessário. Os descendentes de Adão herdaram seu terror-pânico da libido à-toda, e trataram de contê-la sob a guarda do ego e do superego. Razões éticas, racionalidade, idéias claras e distintas... as palavras surgiram para que os seres pudessem, pelo menos, gozar das coisas. Dentro da noite, Lilith para sempre refugiada. O real impossível.

Como ligar este mito ao tema de nosso estudo? Vimos, anteriormente, o quanto a linguagem carrega de maldições contra o sexo feminino. Isto, em psicanálise, tem o nome de "denegação", ou seja, uma forma de manter um desejo, negando-o. Assim, podemos propor que

ao denegar tão violentamente o sexo feminino, ao defini-lo com palavras coloridas de sujidade, de apelos sensuais e de tão vivo erotismo, está-se re-velando, de maneira inequívoca, um desejo intenso de assunção do feminino. Que, num contexto mítico, representaria a recuperação daquela "*terrível verdade*" vivida no paraíso, da união perfeita de si consigo mesmo.

A mulher tem sido o suporte imaginário dessa divisão originária do sujeito, sofrendo a maldição do não-reconhecimento de si em todos os momentos da história. Arrasta consigo, ao mesmo tempo, o peso de ser aquela que "*falta*" ao desejo do homem e aquela que é a "*causa*" deste mesmo desejo. Na "*mascarada*", um termo lacaniano, as raízes desta destinação da mulher são determinadas não pela história, nem pelo mito, sequer pelas condições sócio-econômicas ou culturais de determinado grupo humano, mas, sim, pelo corpo. Embora as razões anatómicas não sejam por si mesmas determinantes de coisa alguma, elas são apreendidas pelo viés do simbólico. E simbolicamente assumimos uma posição masculina ou feminina no mundo.

c) A Ignorância

"A felicidade do homem chama-se: eu quero. A felicidade da mulher chama-se: ele quer".

Dentro desse contexto no qual as paixões formam o tecido do engodo fundamental desse sintoma chamado Eu, a realidade é algo que surge como projeção de imagens. Mais que isso, imagens acústicas; ou seja, significantes. Vivemos uma ficção do princípio ao fim, na medida em que fazemos coincidir com os imperativos morais, a opressão superegôica; e com a realidade, as paixões do ego. "*Do mesmo mo*

do como a opressão insensata do superego permanece na raiz dos imperativos morais (...) a paixão furiosa, que especifica o homem, de imprimir na realidade a sua imagem, é o fundamento obscuro das mediações racionais da vontade"²².

O estágio do espelho, de Lacan, veio desfazer de uma vez por todas, todas as ilusões do ego. Conceitos do dia, como ego forte ou fraco, psicologias do ego, defesas do ego, tudo ruiu diante do espelho, embora muitos ainda não se deram conta disso. O rei está nu de novo.

"O que a psicanálise denuncia é que não há nenhum ser do sujeito, mas sim, a possibilidade de cada um, sujeito de uma divisão original, portar um sintoma que chamamos EU, sede das identificações imaginárias, instância alienante que o neurótico utiliza para obstaculizar o seu desejo".²³

É a ignorância desse processo, é a crença que se institui em verdade absoluta, que, imobilizando a roda do simbólico, funda em lei o que é do jogo do imaginário: e eu "mergulho na fantasia de me fazer crer senhor do objeto que reina em mim"²⁴.

As conseqüências do descaminho do desejo dão a des-afinação dessa orquestra de egos desvairados. Contudo, vamos nos deter apenas naquilo que interessa ao nosso tema, e que é a relação homem-mulher. Como se inicia esse jogo imaginário que leva o homem a se julgar senhor desse objeto chamado mulher? E como se dá a aceitação desse desejo até como "felicidade" pela mulher?

O conceito lacaniano de "mascarada" aponta para o duplo jogo de alienação no qual tanto o homem quanto a mulher estão envolvidi

22. La Agressividad en Psicoanálisis in Jacques Lacan, Escritos, ed. espanhola, p. 80.

23. O obscuro obstáculo do desejo in Sonia Nassim, A Diferença Sexual. Ed. Aoutra, Rio de Janeiro, 1984, p. 71.

24. O travesti do masculino in Sonia Nassim, A Diferença Sexual. Zahar, Rio de Janeiro, 1984, p. 82.

dos (a ignorância comporta um processo duplo de alienação: a identificação do eu a uma imagem e a fé cega no que não passa de imagem).

O jogo da sedução parece ser o grande trunfo desta parada. Teve início, talvez, nos primórdios, quando os cuidados maternos com o corpo da criança despertariam nela o desejo de voltar a ser o objeto da mãe, o falo. Seduzir, portanto, tem a ver com um jogo de faz de conta, uma troca mais ou menos inconsciente de mensagens ambíguas, onde cada um pensa que o outro pensa que ele tem o que não tem para que possa fazer de conta que é o que não é. Qual é o ganho em tudo isso? Manter viva a ilusão de que é possível burlar a Lei, enganar o pai, reencontrar a unidade perdida. Isso é o que caracteriza a paixão da ignorância.

Para Freud, a menina entraria nesse jogo para compensar a falta de um pênis. Portanto, a sedução seria um truque tipicamente feminino. O que ele omite, todavia, é que essa importância toda atribuída ao não-ter um pênis se sustenta, no lado feminino da questão, única e exclusivamente pelo dado real de que não existe — lingüística, afetiva e simbolicamente — nenhum in-vestimento libidinal em seu próprio sexo como lugar de prazer para si. Investimento aqui no sentido de investimento materno, ou seja, a mãe reproduzindo inconscientemente a ideologia que prescreve a alienação do desejo na mulher.

A diferença sexual em si não comportaria questões como ter ou não-ter, não fosse a ausência absoluta de símbolos que reconheçam e legitimem os órgãos sexuais femininos. Não é para se espantar, pois, com a afirmação de Freud de que só existiria uma libido: a masculina.

As conseqüências de tudo isto são danosas para o relacionamento entre os sexos. Primeiro porque poderia ocorrer uma perda de interesse por seu próprio sexo, graças não ao fato de não ter o

pênis, mas de não ter inscritos no seu corpo os signos de seu sexo, de não ter vivenciado o in-vestimento materno naquilo que a faria "diferente" do menino. De novo a questão dos símbolos: como reconhecer aquilo que sequer foi nomeado?

Em seguida a menina passa a desenvolver uma capacidade surpreendente de procedimentos que têm por fim "seduzir", e ela aprende a obter tudo que quer através da sedução. Por um esforço de compensação, tendo em vista o seu desejo de viver "apesar disto", ela se antecipa ao menino no andar, no falar, na aprendizagem escolar, na disciplina, e na arte de agradar-sempre²⁵.

Finalmente chega o momento da adolescência, e o reviver da história sexual da infância, o florescimento da libido. Não sendo portadora de um sexo claramente definido e localizado, ela tem a tendência de se sexualizar por inteiro. Torna-se uma chama libidinal, um objeto dos pés à cabeça. Ela precisa ser desejável pois é isto o que querem dela, esta é a mensagem que recebe diariamente de todas as formas e por todos os meios de comunicação existentes.

O trágico em tudo isto é que seu desejo de ser-desejada acaba sufocando ou se confundindo com o desejo de desejar. Ela já não sabe nada de si senão o que dizem dela. Ou mal-dizem.

Esta é a "mascarada". Não só os cosméticos nem a moda; não só os jeitos nem os trejeitos fazem a "mascarada". Ela é feita basicamente do desejo do outro.

Portanto, no quadro das paixões do ego, a ignorância é a paixão narcísica pela imagem de si, é a fé absoluta naquilo que, todavia, cega. Assim é a "mascarada". A paixão que nutre por sua imagem faz com que confunda identificação (ser-como) com identidade (ser para si)²⁶.

25. Elena G. Belotti, *Educar para a submissão*. Vozes, Petrópolis 1983, p. 23.

26. Cristiane Olivier, *Os Filhos de Jocasta*. L x PM, 1986, Porto Alegre, p. 59.

A contrapartida masculina desse jogo é a fê naquilo que todo o universo lingüístico afirma e os símbolos o confirmam: o sexo do homem. Como disse Safouan, isto é o que torna cômico o falicismo, porque é justamente ali onde o homem se acredita macho, põe fê, que eles apenas confirmam um sexo: o seu. Logo, é muito difficil encontrar um homem, porque assim que ele se dá conta de que o todo tem a aparência do UM do imaginário, do UM integral, ele se torna homossexual. O que ele quer dizer é que a paixão pelo mesmo é a raiz da homossexualidade, e nesse sentido todo o universo lingüístico o confirma: vivemos uma ordem homossexuada do mundo. O falo erigido em poder. O patriarcado.

Talvez devêssemos estar atentos àquilo que não é dito, isto é, às entrelinhas. Porque se afirmaria com tanta veemência a superioridade daqueles que tem o falo não fosse o medo de perdê-lo?

O fantasma da castração que atormenta os homens tem sua origem, segundo Freud, nos pequenos atos de sedução materna. Na ambigüidade das mensagens entre mãe e filho. Por um lado isto pode despertar, na criança, o desejo de retornar ao seio materno, à união perdida com a mãe; por outro, há o medo que esta regressão representa. A nível do imaginário isto pode se tornar persecutório, e projetivamente todas as mulheres parecem dotadas do estranho desejo de querer tomar o seu pênis, devorá-lo, cortá-lo.

Daí a necessidade de manter distância delas, essas vorazes devoradoras, para defender o que representa, para ele, sua masculinidade. Conseqüentemente há a inversão: vou "comê-las" primeiro, assim me salvo. Vou usá-las, submetê-las, senão elas me destroem. Vou manter distância delas (afetivamente), vou reduzi-las à inexistência, para que eu exista.

Pois bem, ocorre que esta situação se coloca no âmago do problema da violência contra a mulher. O homem que agride/defen

de talvez seja aquele que não tenha se desligado totalmente de uma imagem de mãe persecutória, e passa a ver em cada mulher uma ameaça à sua autoridade/masculinidade. O agressor agride para se defender.

Desse modo as imagens se entrelaçam, formando o tecido doente de nossa sociedade. Por não ter outra opção senão tornar-se uma "*sedutora*", a mulher envolve nessa rede os filhos da sedução, que irão lutar entre si por causa de uma imagem. No interior deste quadro de paixões do ego, delineou-se o des-caminho do desejo, onde se desenrola há milênios a guerra entre os sexos. Nesse contexto, o amor é impossível, pois homem e mulher se unem um ao outro pela via do engano, da ilusão, da neurose.

CAPÍTULO V

O ENIGMA

"Vais ter com mulheres? Não esqueças o chicote".

Embora o enigma estivesse presente durante todo o percurso que fizemos, somente agora seu semblante transparece, às custas de "um ego tombado ao pilão"¹. Ainda assim guarda infinita distância, ele, que não se institui senão como um ponto de fuga no horizonte, em relação à consciência.

"O discurso, observa Lacan, tende a uma vã busca da verdade, por apalpadelas e erros. Inscreve-se numa dialética em que a 'falta' é mais o objeto acossado que a verdade"². O vício das idéias claras e distintas é algo que delimita o saber na sua origem. O estatuto simbólico daquilo que é visível no corpo — ter ou não ter — tomado em sua concretude imaginária, obscurece todo um modo de ser lacuna, sem ser vazio; de ser ausência presente no mundo. Merleau-Ponty critica duramente a esquizofrenia que permeia a tradição:

"...a atitude reflexiva purifica simultaneamente a noção comum do corpo e da alma, definindo o corpo como a soma de partes sem interior, e a alma como um ser inteiramente presente a si, sem distância. Essas definições correlativas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: transparência de um objeto sem dobras, transparência de um sujeito que não é senão o que pensa ser. O objeto é obje-

1. Introdução à Edição Brasileira, Durval Checchinato in Anika Lemaire, Jacques Lacan, uma introdução. Campus, Rio de Janeiro, 1979, p. 13.

2. Teor da entrevista com J. Lacan, dezembro de 1969 in Anika Lemaire, Jacques Lacan, uma introdução. Campus, Rio de Janeiro, 1979, p. 304.

to de ponta a ponta e a consciência é consciência de ponta a ponta. Há dois sentidos e apenas dois, da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência". 3

Este é o pressuposto básico sobre o qual se erige nossa civilização: um malogro do ser no descaminho de seu desejo. Cindido justamente naquilo que faria homem-mundo uma unidade libidinal, amorosa. Estabelece, esta cisão, um desejo de posse, um querer se apropriar daquilo do qual se julga desligado. O mundo, portanto, só pode ser objeto de conhecimento, não de amor. Surge a ciência, a disciplina do trabalho, a ideologia, com todo um conjunto de regras e proibições que controlam as pulsões inconscientes do desejo. "...

"...o trabalho introduz uma pausa, um intervalo, graças aos quais o homem deixa de corresponder ao impulso imediato que corresponde à violência do desejo.(...) O trabalho exige um comportamento racional ligado ao cálculo, ao esforço, à disciplina dos movimentos tumultuosos da paixão. (...) Promete uma satisfação posterior e dá, com isto os motivos para reprimir os movimentos da paixão(...) o trabalho pertence à coletividade, e esta cria as proibições". 4

O mundo laborioso é um mundo sem mistérios. Profanado. Oferece-se ao estudo, à pesquisa, à exploração econômica, sob a ingênua transparência de objetividade. Que não impede, vez por outra, os protestos irados da corrente dionisiaca, que falam, incontroláveis, pela boca de Nietzsche:

3. Citação, in Marilena de Souza Chauí, *Da realidade sem mistério do mundo*. Brasiliense, 1981, p. 219.

4. Georges Bataille, *O Erotismo, o proibido e a transgressão*. Moraes Editores, Lisboa, 1960, p. 37.

"A mã consciência é, para mim, o estado mórbido em que de vía ter caído o homem quando sofreu a transformação mais radical que nunca houve, a que nele se produziu quando se viu acorrentado à argola da sociedade e da paz. (...) vi-
ram-se obrigados, de repente, a renunciar a seus nobres
instintos, viram-se reduzidos a pensar, a deduzir, a cal-
cular, a combinar causas e efeitos. Infelizes! Viram-se
reduzidos à sua consciência". 5

Ora, eis que entre mundo e homem se repete a mesma captu-
ra especular que ocorre entre homem e mulher — aqui ironicamente re-
presentados pela pequenez da sílaba "e". Impedido de conceber uma
relação amorosa com o parceiro, porque não há parceiro, o sujeito
submerge na paixão de si mesmo, se reproduz narcisicamente e modela
o mundo segundo a sua imagem e semelhança. Somos todos "erías" do
espelho.

Mas... filhos do enigma. O sexo é sempre intrigante, na
medida em que insinua a verdade em pequenas doses; "o erotismo provo-
ca um movimento de transgressão que leva o homem a pôr o seu ser em
questão. Sua força reside em levantar a proibição sem suprimi-la"⁶.
Georges Bataille, ao tomar "tragicamente"⁷ a verdade do erotismo, des-
velou esse ultrapassar aberrante, intolerável do ser, no momento em
que, na ânsia de saber, de ir até o fim, atinge-se os limites em que
se confundem o extremo prazer e a extrema dor. Festa religiosa, vi-
vência profunda e silenciosa da enormidade do nada, o erotismo traz
"o frenesim, a vertigem, a perda (momentânea) da consciência. Trata-
se de envolver a totalidade do ser numa corrida cega para a destrui-
ção, que é o momento decisivo da religiosidade"⁸. Bataille atribui

5. F. Nietzsche, *A Genealogia da Moral*.

6. Georges Bataille, *O Erotismo, o proibido e a transgressão*. Mo-
raes Editores, Lisboa, 1969, p. 22.

7. Idem, p. 237.

8. Idem, p. 101.

pois, à "liberação da exuberância tumultuosa"⁹ que ocorre em rituais de amor, uma explosão da libido, que se assemelha ao êxtase religioso: "a desordem do ser se confunde com uma espécie de efusão religiosa (...) desordem dos clamores e brados, desordem dos gestos violentos e das danças, desordem das uniões físicas, enfim, desordem dos sentimentos animados por desmedidas convulsões"¹⁰.

Entretanto, o erotismo é sempre um artifício que apenas concede à boca sentir o gosto forte da morte, sem deixar que dela se aposses todo o seu corpo. A transgressão que representa só é possível porque existe a proibição. Diferente, a castração simbólica. Carregar a morte do lado esquerdo, como diz Castanheda, é algo que transforma todo o ser.

A castração simbólica é a vivência absoluta de uma morte imaginária, a morte da imagem. É aquilo que faz surgir na boca um riso pronto, de quem sabe, lá de dentro, que tudo não passa de uma grande gozação.

Lacan teve uma intuição profunda de que, o "não-ter" para a mulher, era algo que a permitia situar-se para além da posição masculina, que se fecha como um casulo em torno de seu "ter". É como se o olhar dela pudesse ir mais longe, apesar de nada saber falar sobre isso. A experiência do não-todo não se inscreve na ordem do saber, do falar. Está "para além do falo"¹¹. Lembremo-nos de Bataille, quando diz que "os limites são aquilo que permite falar. O excesso escapa ao entendimento, à razão, à linguagem, porque se encontra além dos limites"¹².

9. Georges Bataille, *O Erotismo, o proibido e a transgressão*. Moraes Editores, Lisboa, 1969, p. 101.

10. Idem, *Ibidem*.

11. Jacques Lacan, *O Seminário, Livro 20, Mais, ainda*. Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 100.

12. Georges Bataille, "O Erotismo, o proibido e a transgressão" Moraes Editores, Lisboa, 1969, p. 239

Ora, a inexistência do sexo feminino como um todo, um universal, indica que, embora tenha por referência o masculino, vai mais além dele, na medida em que constitui o lugar onde eclode a dimensão da falta simbólica¹³. As palavras que a mal-dizem e a difamam representam, nesse universo lingüístico de homossexualização, a de negação do feminino, ou seja, a negação encobridora de um desejo de falta.

A opacidade do espelho, ao reproduzir infinitamente a mesma imagem, provoca um certo mal-estar, uma náusea, uma insatisfação. Que pode, no momento seguinte, fazer eclodir a violência, transformando em real aquilo que não pôde ser vivido no simbólico. Os parceiros sexuais se agriem, se atormentam, se matam. A vertigem da violência provoca perigosamente um retorno às sensações de corpo fragmentado, de dissociação, de morte. É uma tênue fronteira, essa que separa a violência delirante, que projeta no parceiro seus terrores noturnos, e a transgressão, vivida no real do ultrapassar soberbo de todos os limites do ser. "Nesse momento de profundo silêncio — nesse momento de morte — revela-se a unidade do ser, na intensidade da experiência em que a sua verdade se desliga da vida e dos objetos"¹⁴.

Isto que Bataille chama de experiência religiosa do ser, talvez seja uma visão daquilo que, numa outra ordem, Lacan chamaria de "suplência", aquilo que é da ordem do suplementar. Não do complementar, ele adverte, "senão recairíamos no todo"¹⁵. O gozo da mulher se aproxima do gozo místico por ser aquele que se produz do

13. Sonia Nassim, *A Diferença Sexual*. Aoutra Ed., Rio de Janeiro, 1985, p. 107.

14. Georges Bataille, *O Erotismo, o proibido e a transgressão*. Moraes Editores, Lisboa, 1969, p. 247.

15. Jacques Lacan, *O Seminário, Livro 20, Mais, Ainda*. Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 99.

lugar de uma falta. Por isto, "o testemunho essencial dos m̃sticos *é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas não sabem nada dele*"¹⁶. No entanto, observa: "*Hã homens que lã estão tanto quanto as mulheres*"¹⁷. O lado do não-todo é uma posição feminina, não exclusivamente da mulher. Assim como o lado do todo é uma posição masculina, mas não exclusivamente do homem.

Isto se torna mais claro no momento em que, abandonando sua posição fascista, a linguagem subverte a si mesma, enquanto representante do todo, subvertendo a própria percepção do todo. Não como um delírio metafísico, ou como uma afirmação de outra entidade — a linguagem — pairando acima de todos os mortais; mas como um elo vital entre os seres, como uma rede de múltiplas transas que se produz historicamente no contexto de uma prãxis social.

A linearidade de nossa percepção da realidade é algo que brota no terreno comum da homossexualização do mundo. Tem a ver com a reprodução do mesmo e, portanto, com a negação do diferente. Isto cria formas viciadas de ver a realidade. Sobre isto Adam Shaff cita o exemplo das diferentes denominações de neve pelos esquimões:

"Os esquimões vêem 30 espécies de neve, e não a neve em geral; não porque o queiram ou assim o tenham convencionado, mas porque já não podem perceber a realidade de outro modo. (...) para os membros dessa comunidade tal distinção de espécies e de modalidades de neve seria uma questão de vida ou de morte". 18

Shaff se aproximou da realidade objetiva criada pela linguagem mas o fez também sob determinada ótica, a de necessidade. Reconhece que

16. Jacques Lacan, *O Seminário, Livro 20, Mais, Ainda.* Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p.103.

17. Idem, p. 102.

18. Citação in Isidoro Blikstein, *O Enigma de Kaspar Hauser.* Cultrix, 1983, São Paulo, p. 57.

há uma praxis que determina a forma específica de resolver as questões mais vitais de sobrevivência dos grupos humanos, e que é esta praxis que determina a linguagem. No momento seguinte essa linguagem reproduz esta, e não outra praxis, porque indissoluvelmente ligada a um determinado modo de "ver" a realidade.

Fortemente marcadas pelo materialismo dialético, as análises objetivas da realidade passam ao largo das águas profundas por onde navega o barco humano da subjetividade, do desejo, não da necessidade. Evidentemente que sem a praxis não há significação. Todo nosso esforço foi justamente no sentido de mostrar que sem a praxis do não-todo, não há como simbolizá-lo. Os símbolos vão como tochas iluminando o caminho, ainda que suas luzes emergjam só como faíscas obtidas a duras penas por mãos laboriosas, que a extraem do atrito das pedras.

Os estereótipos ou "óculos sociais", segundo expressão de Shaff, muito mais que a fabricação da realidade objetiva são a fabricação da loucura, do desvio do desejo, "de formas e corredores semânticos"¹⁹ por onde vão fluir as linhas básicas de significação. Este é o vício da linguagem que degenera o poder do olhar humano.

Segundo J. F. Lyotard, seria preciso "afastar os pressupostos, as interpretações, os hábitos de leitura que contraímos no uso predominante do discurso", uma vez que "a educação e o ensino discursivos nos privaram da permeabilidade à presença flutuante da linha, do valor, da cor"²⁰ ... em resumo, trata-se de regenerar a função poética da linguagem. Que não se reduz à poesia escrita, embora nela tudo coincida, mas que tem a ver com uma certa regeneração do poder-poético do olhar. Um olhar que vê além do que vê e por is

19. Citação in Isidoro Blikstein, *O Enigma de Kaspar Hauser*. Cultrix, 1983, São Paulo, p. 61.

20. Idem, p. 68.

to subverte o jogo da linguagem. "O Tejo é o mais belo rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia"²¹...

O olhar poético, por sua proximidade com o desejo, possui o estranho poder de liberar o riso, tal como uma bolha de ar que estivesse presa há muito tempo e subisse, irreprimível, para a superfície, fazendo explodir num "ploft" voluptuoso aquilo que nunca passou de uma bolha de ar. Que poderia haver de mais engraçado do que uma bolha de ar fazendo "ploft" e insuflando risos no interior das comunidades lingüísticas sérias e curvadas pelo peso da gravidade?

Mais engraçado do que isso seria verificar que chegamos a um ponto no qual, apesar de nós, o grande parceiro é o Outro. O mundo. A impossibilidade de existir "relação" sexual²² entre os sexos nesse contexto de homossexualização geral, de repente, coloca o ser num labirinto, cuja saída está para além de si. De um lado, o gozo do outro, que é sempre perverso porque gozo do corpo. Isto é, gozo do "objeto a", aquilo que está para o sujeito como causa do seu desejo. Do outro lado, o amor, feito poesia e metáfora do desejo.

Isto coloca a questão do saber, do ser cognoscente como uma miragem, de tanto e de tantas maneiras ele se suporta como um ser enigmático. Diante do qual a única atitude seria a irreverência. Saber-se enigma é um contra-senso que despe o sujeito de sua vaidade e o coloca assim, nu, face ao seu parceiro absoluto que é o mundo, numa atitude de despojamento amoroso.

21. Poemas de Alberto Caieiro, Fernando Pessoa, p. 44.

22. O Rato no Labirinto in Jacques Lacan, *Seminário 20, Mais Ainda*, Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 197.

CAPÍTULO VI

O DES-CAMINHO DO DESEJO

Todo esse percurso que fizemos sobre como o ser humano se apropria do dado de sua existência corporal e o transforma em ato, em ação, em realidade, pode ser observado na experiência clínica da psicanálise, nos relatos de mulheres atendidas no SOS/Ação-Mulher, e na instituição dessa ordem masculina do mundo. Ou seja, do particular ao universal há uma solução de continuidade

No princípio era o Verbo, diz o evangelho. O corpo, este sôadquiriu unidade e sentido no momento em que passou a ser um corpo nomeado. Portanto, a questão do símbolo lingüístico passa por dentro da problemática humana, na medida em que só através da fala pode o corpo tornar-se conhecido (conhecido principalmente no sentido bíblico de "amado").

Essa idéia de corpo conhecido (amado) é algo que de pronto não reconhecemos numa mulher, já que ele quase nunca é amado por si, mas pelo que ele representa na ordem das coisas. Ou seja, o corpo da mulher tem inequivocamente um valor de mercadoria: se for bonito vale o olhar, a admiração, o cortejo dos homens, a inveja das mulheres. Se for feio vale o desprezo, as piadinhas de mau-gosto, as surras e o abandono. Não que isto aconteça necessariamente; queremos apenas nos referir ao fato inegável que elas se subestimam, isto é, se julgam pelo olhar dos outros. O julgamento do outro sobre si adquire o peso de verdade sobre seu ser.

Constatamos em nosso trabalho no SOS/Ação-Mulher o quanto é difícil restituir a uma mulher o seu amor-próprio, a sua auto-esti

ma, até o ponto de fazê-la advogada de si mesma (de seu corpo). O sentimento de desvalor é muito forte. E isso pode ter suas raízes no des-conhecimento (des-amor) de si. De novo a questão dos símbolos. Que mãe acariciou um dia os órgãos genitais de sua filha, dando-lhes nomes, ensinando-a a se ver num espelho?

Em Freud encontramos a afirmação de que a menina adquire este sentimento de desvalor porque não tem um pênis; abandona então a masturbação clitoridiana e passa a sonhar com um filho-falus que irá substituir o que lhe falta. Apesar de possuir dois órgãos de prazer no corpo, a menina renunciaria ao que está mais à mão por um outro desconhecido e lacrado, cuja função ela só saberá no dia em que um homem lhe der uma.

O desconhecimento de si própria chega ao ponto de ter medo de ver o próprio sexo. É grande o número de mulheres que se viram pela primeira vez num espelho só depois do parto, e mesmo assim à título de higiene e por sugestão da enfermeira. Muitas outras nos disseram não ter certeza por onde saía a criança até mesmo depois de estarem grávidas.

Não se trata, contudo, de desinformação. Este não é o tipo de problema que poderia ser resolvido com aulas de educação sexual. Sem dúvida que estas poderia constituir um espaço para a discussão do problema, mas sua solução, esta se encontra em outro nível.

Após esta análise dos "lapses" da linguagem, diríamos que a produção de símbolos não ocorre por decreto. Novas palavras vão sendo naturalmente somadas no dicionário a partir de uma nova praxis sócio-cultural. Seria um erro pensar que as mulheres deveriam buscar uma "língua feminina", porque isto só cavaría ainda mais o abismo que já existe entre os sexos. Por outro lado, uma nova relação entre o homem e a mulher certamente iria resultar numa

nova linguagem.

E uma nova relação entre os sexos tem a ver com o advento do amor e, conseqüentemente, da aceitação do "*diferente*". Isto é decorrência do postulado anterior, onde foi demonstrado o contexto de homossexualização do mundo, a libido masculina alagando todo o universo lingüístico, e a mulher se anulando na "*mascarada*", aquela que se coloca no lugar das projeções narcísicas do homem. Nesse contexto, como vimos, não existe a diferença.

E por "*diferente*" entendemos aquilo que desafia a razão e o entendimento; aquilo que não dá resposta. O que nos lança de volta à pergunta e restitui o movimento dialético do desejo, que é um buscar.

Se o que é possível re-conhecer não passa, afinal, de parte de mim que é lançado fora, no exterior, sob a forma de projeções, então o "*diferente*" virá na forma de um "*outro*", mas um "*outro*" que não responde à minha pergunta, que frustra o meu desejo de seduzi-lo, captá-lo, fundi-lo a mim. Enfim, que se mantém enquanto diferente.

É preciso guardar o sentido bíblico de "*conhecer*". Abraão conheceu sua mulher; não há nisso um ato de conhecimento e sim, um ato de amor. O "*diferente*" nunca pode ser uma questão de conhecimento, ou não será mais diferente. Conhecer nada mais é do que submeter algo a referenciais conhecidos e estabelecer uma identidade: $X = Y$.

Este é o dilema que encontramos. Entre o homem e a mulher se instituiu a luta pela negação da diferença. Examinemos um exemplo. É muito difundida hoje a carreira de modelo, as adolescentes sonham desfilar numa passarela, ter seu corpo num out-door, sair numa capa de revista (ou dentro) e para isso treinam horas seguidas diante do espelho, adotam posturas artificiais e disciplinam seus

corpos através de regimes e ginásticas.

Ora, e o que é um modelo? Nada mais do que uma forma de instituir um padrão, de reduzir as diferenças, de massificar o ser humano. No caso da modelo profissional há o componente ideológico, que faz passar por beleza o que interessa ao vendedor ou fabricante. E todas as mulheres passam a se inspirar nos padrões impostos pelas manecas da Dijon, da Ellus, da Christian Dior, etc.

Difundiu-se como requisito indispensável para uma modelo profissional a sensualidade nos gestos, no andar, no sorriso, no olhar, e este se tornou o "modelo" para a sexualidade feminina. Não importa se ela curte ou não o seu sexo, importa se ela representa com o seu sexo um modelo ou símbolo sexual.

Numa primeira análise, a modelo está a serviço da ideologia que "modeliza" o ser humano para melhor explorá-lo. Mas, há um outro lado da questão. Ela está respondendo ao desejo de quem? A quem interessa reduzir a multiplicidade das diferenças a um modelo? A que corresponde o desejo de modelizar a mulher?

O que o homem quer da mulher (nesse contexto de homossexualização) senão que ela responda a seus desejos? São que, ao responder, ela se anula como "diferente", vestindo as projeções narcísicas masculinas e assumindo o lugar de objeto (ob-jectum: ser lançado-fora, jactado, vomitado fora de) do homem.

Talvez isto seja demasiado para a tranquilidade egôica. A identidade é confortadora. É bom ser reconhecido, modelizado, identificado. É bom e até certo ponto, necessário. Mas não quando se institucionaliza e se transforma num sistema de dominação.

Na verdade, o ser é aterrorizante. Habita águas escuras e profundas demais para o ego. É como debruçar-se sobre um quadro surrealista. A primeira pergunta é: mas, o que é isto? A que referências me remetem um quadro surrealista? A nenhum. Não é um obje

to epistemológico.

Um enigma é uma pergunta sem resposta. Segundo a Bíblia Deus respondeu à pergunta de Adão, apresentando-lhe Eva e dizendo: isto é uma mulher. Sem saber exatamente a que modelo correspondia a quilo — seria uma planta ou uma flor? Adão logo tratou de lhe dar um. E Eva se lhe tornou conhecida, isto é, respondeu aos referenciais, aos modelos que ele lhe projetou, e passou a ser o seu reflexo, a sua igual.

O diferente tem a ver com o espanto, com o não-conhecido. Com Lilith. Para que ela pudesse ser integrada (modelizada) teve de ser identificada a algo conhecido. Lilith encarnou as figuras do mal porque o terror diante do que não pode ser conhecido é bastante conhecido do ser humano. Somente assim pôde adquirir uma face.

Esse medo do "diferente" está presente na relação mãe-filho(a). Ele é parte de mim, dizemos nós. E logo tratamos de torná-lo à nossa imagem e semelhança. O que é educar senão modelizar as crianças para que possam ser reconhecidas, registradas e identificadas? Um sistema sobrevive na medida em que seus cidadãos cumprem fielmente todos os rituais de iniciação previstos devidamente autenticados: carteirinha de estudante, carteira profissional, certificado de reservista, certidão de casamento, carnet de aposentado, etc.

Aqueles que fogem destas categorias são internados em manicômios ou nas prisões. São os artistas tem passe-livre nesse sistema e podem cantar as diferenças, brincar com as letras, inventar os sons, tudo isso sem lenço nem documento. Porque? Unicamente porque servem às necessidades de catarse do povo, servem de alimento para seus sonhos, ponte para suas fantasias. O artista é um louco útil. Tem um pé no mundo e o outro além.

A mulher se diferencia desse estado na medida em que, não encontrando registros para sua "outridade", adota os do homem e se

con-forma segundo o modelo que ele lhe pro-põe, põe antes.

Mas, o ajuste é imperfeito, tal como uma roupa que não lhe cabe. E ela se sente mal dentro deste terno, sua imagem fica nublada, sem foco, ela se inquieta, torna-se irascível, desconfiada, vingativa. Em geral lidamos com esse tipo de mulher no SOS. Lá é um pronto socorro para as primeiras dores. Em seguida, são o analista. Não aguentam mais o papel de mulheres, mas não conseguem se livrar dele. Na verdade, trata-se muito mais de criar um próprio. Passar por todo um processo de des-cobrir-se, des-velar-se, des-nudar o seu desejo. Mas, onde está o seu desejo? Onde foi que o esqueceram?

Introduzir a questão do desejo na análise da problemática da mulher é posicionar-se em defesa do advento do "outro" do "diferente" do des-conhecido. Que não está necessariamente no outro, neste outro que se coloca frente a mim embora passe por ele, mas dentro, sou eu enquanto portadora desse abismo que não com-preendo. Mas que carrego comigo.

Anatomicamente homem e mulher são diferentes. Representam materialmente os suportes para que a simbolização da diferença ocorra. Uma provocação da natureza. Um toque, um estímulo, uma "dica" para a aceitação do "diferente" que somos nós para nós mesmos. E que, afinal, masculino e feminino, um é o outro¹. A conciliação simbólica desse ser dividido poderia ser o início da paz entre os sexos.

1. Elizabeth Badinter, "Um é o Outro", Nova Fronteira, RJ, 1986

CONCLUSÃO

Nesta conclusão tentaremos fazer uma retomada geral de nosso percurso, independentemente da ordem seguida pelos capítulos, seguindo unicamente o fio condutor do tema proposto e suas diversas abordagens metodológicas ao longo do texto.

Inicialmente, uma análise da linguagem nos mostrou o caráter de invisibilidade do gênero feminino em sua estrutura, o peso simbólico representado pelo sentido pejorativo de palavras ligadas ao seu sexo, a inferioridade atribuída à mulher pelo discurso popular e erudito, indiferentemente.

Em seguida, passamos pela análise do estatuto social da mulher e percebemos o quanto tem sido alvo de manipulações políticas e sofrendo, em seu corpo e suas funções específicas, o abuso de ser transformada, ao longo da história, em objeto de procriação e reprodução da espécie.

Uma incursão pelo universo mitológico nos revelou uma espécie de substrato inconsciente da humanidade, algo que teria surgido filogeneticamente no momento do corte, no ser andrógino, e que teria marcado homem e mulher diferentemente. Ao lançar para fora o seu terror de nunca mais ser UM, Adão projetou em Lilith seus próprios sentimentos de culpa e medo. E a mulher, desde então, tem sido o suporte para as representações do Mal, assumindo historicamente as feições diabólicas da bruxa, da mulher perversa, mãe e vingativa.

Todas essas abordagens foram retomadas numa perspectiva psicanalítica e filosófica, tomando-se como referência o estruturalismo lacaniano. Isso nos permitiu apreciar o conceito de realidade como uma produção do sujeito, uma pequena faixa espremida entre duas ordens fundamentais que são o simbólico e o imaginário. O que resul

ta desse instável e precário equilíbrio é isso que o sujeito vê do mundo, entende, participa, contesta, enfim, o que chamamos comumente realidade.

Estabelecidas as bases para a compreensão deste fenômeno, passamos a enfocar o modo pelo qual se configuram no sujeito essas duas instâncias: a imaginária e a simbólica. Retrocedemos até o momento de inscrição da Lei no inconsciente infantil e o papel da mãe como porta-voz do Outro (grande outro), dando origem ao mundo simbólico. Estabelecida a cisão originária, as pulsões e seu delírio de recuperar a "unidade perdida" que o nascimento lhe impôs, colocam o sujeito na trajetória que caracteriza a economia do desejo.

Nesse momento surge o outro (a mãe) que, ao investir na criança o seu próprio desejo, oferece-lhe junto a imagem desse desejo, permitindo o surgimento de uma identidade, que lhe dará a ilusão de ser por inteiro, de ser si mesmo. Esta identidade alienante, contudo, é necessária, na medida em que permite sua participação nesta grande família humana. Ainda assim ela não se fixa em nenhuma base sólida que a referencie, a não ser o investimento materno.

Estabelecendo as conexões entre, de um lado, a importância do papel da mãe neste processo, do outro, a própria condição da mulher na sociedade, chegamos a uma conclusão embaraçosa, na medida em que o próprio instrumental teórico escolhido não fornecia subsídios suficientes para um avanço nesta questão. Por ser uma ciência do particular, a psicanálise não permite a colocação de qualquer problemática de forma descentrada em relação ao sujeito. Tudo converge para a história individual do sujeito, determinada pelo conflito originário entre um desejo de morte e amor. A particularização dos problemas, em psicanálise, bloqueia sua colocação para além do quarto de dormir dos pais.

No entanto, acreditamos ter demonstrado o quantum de atravessamentos sofre o desejo da mulher através da superimposição de símbolos, que a imobilizariam numa identidade dita feminina, sob efeito de uma subjetividade forjada por interesses ideológicos. Sob o peso dessa realidade congelada, a instância egôica, na mulher, surgiria essencialmente marcada por significados, por definições, por identificações forjadas a um modelo, a um papel social vivido como verdade, identidade feminina, uma pseudo-natureza.

Ora, é esta mulher sexualmente ambígua, mal-falada pela linguagem, duplamente alienada em sua identidade, quem irá iniciar o(a) filho(a) no jogo do desejo. Através de sua fala, de seu leite, de seu olhar, passarão todas as mediações ideológicas do sistema de "produção" de subjetividades que, interagindo com o seu desejo, necessariamente irão se confundir com as representações simbólicas e imaginárias que ele veicula. E que serão muito naturalmente projetadas no(a) filho(a) que ali está, menos à sua mercê do que à mercê desse sistema modelador de subjetividades.

As conseqüências dessa exasperação do imaginário, na mulher, são naturalmente, o predomínio da imagem, da identidade congelada num papel social que ela desempenha como se fosse a sua verdade. Simbolicamente aprisionada pelo universo lingüístico a uma função biológica, a maternidade, a mulher precisa de filhos que lhe confirmem a existência. Muito mais que o homem, que só entraria nesse jogo indiretamente, seria o filho, o objeto de sua paixão. E frequentemente, o homem se coloca (ou é colocado) no lugar de filho, para a mulher.

O que vem em seguida é o quadro das paixões do ego, o jogo especular que se instaura entre dois sujeitos, aprisionando-os à sua própria imagem. Esta cena se imobiliza, se congela, se cristaliza numa certa concepção de realidade que, por causa da exacerbação

do imaginário, não permite o fluxo do simbólico, dos significantes, do jogo de combinações e substituições do desejo. É uma realidade marcada pela ignorância, pelo desconhecimento da verdade de si, e que se resolve pela instauração da luta pelo poder, pela dominação e pela morte.

Bem, até aqui viemos apoiados pelo instrumental psicanalítico. A problemática que apresentamos escapa ao singular e particular, mas foi possível a sua compreensão dentro dos moldes analíticos. A partir daí, o que a psicanálise poderia nos oferecer em termos de subsídios teóricos?

O que ocorre nas origens da identificação sexual para ambos os sexos é uma situação imaginária vivida como conflito; enquanto no menino ela é sobretudo medo da castração, na menina ela passa por situações específicas. Segundo Freud, a constatação pela menina, da diferença sexual — um tem, o outro não tem — é causa de influências marcantes em seu psiquismo. Sendo a sua falta para ser (desejo) vivida como falta real, a mulher será levada a tentar colocar nesse lugar, um filho. Portanto, fecha-se o círculo. Se para o homem, a mulher está no lugar do objeto de seu desejo, para a mulher este objeto é o filho. E a existência se consome nesse agitar imaginário de ilusões egóicas, que não leva a lugar algum, porque o que todos buscam, afinal, é apenas refletir-se uns nos outros, para se certificar de que realmente existem.

Lacan dá um passo além disso, quando colocou a questão da impossibilidade de se dizer A mulher. Isto significou um reconhecimento de que, ao viver imaginariamente a falta, a mulher é impedida de se ver como um Todo. Ora, se ver como um Todo só pode ser o complemento do homem, aquilo que o completa, o que a colocaria fática do lado do homem. Isso corresponde exatamente à realidade específica analisada nesse estudo, uma realidade sintomática.

Mas, por ser "não-toda", a mulher (potencialmente) escaparia ao homem, à sua cultura, à sua linguagem. Isto a colocaria para além da possibilidade de se dizer, de forma universal; quer dizer, não existe A mulher, existem mulheres.

Mas, se é justamente essa abertura que a torna um ser vazado, atravessado pelo Outro e por todos os pequenos outros? Afinal, não é por causa desta particularidade que a mulher é o agente por excelência da produção de subjetividades capitalísticas, segundo a terminologia de Guattari, ou seja, agenciadas pelo sistema capitalista?

Enfim, esta questão não foi aprofundada por Lacan, que apenas indicou caminhos para serem trabalhados. Também a psicanálise não responde satisfatoriamente essa questão, na medida em que seus pressupostos teóricos reduzem esta problemática a um conflito edipiano.

O horizonte que se descortina nesse ponto, exigiria a colocação dessa problemática num contexto sócio-político, especialmente retomando a colocação de Lacan acerca d'~~a~~ mulher (barrada). A outra face da questão é que, justamente por ser não-toda, por não se fechar no UM, a mulher porta uma subversividade inerente. É o que lhe concede estar no lugar de onde surge a existência, de tal forma que, do jogo entre imaginário e simbólico, ela dê a luz ao futuro, ao que está sempre por-vir.

Isto, evidentemente, só será possível no momento em que ela deixar de ser um sintoma, para o homem, e se constituir como metáfora. Aquela que lança e re-lança sempre o desejo para depois, para adiante, para alguém de si mesma, unicamente porque... não há o si mesmo.

O QUE A VELHINHA NÃO DISSE...

Porque, Zaratustra, "te esquivas sorrateiro, no lusco-fusco" das paixões do ego, insistindo em manter "tão cuidadosamente debaixo do manto" a tua verdade, aquela que, todavia, te determina os passos, te condiciona o olhar, te faz temer e por isso renegar aquela que poderia ser tua companheira?

Teu medo, não vês? brota desse abismo que carregas dentro de ti, não obstante teus esforços para te conciliar com a vida. Nasceste com uma pergunta na boca — que querem de mim? — portanto, tudo que sabes de ti veio do desejo do outro acerca de ti. Tu falas, e ao falar confessas esse abismo do qual fostes gerado, como se fosse possível estabelecer pontes sobre o nada.

Mas, tu falas. E ao falar, gozas com essa mentira. E sonhas. E ao sonhar, gozas com a tua verdade. Sujeito gozador e brincalhão, inventas caminhos para fugir da morte e esconder da vida. És herdeiro de um "tesouro" que está para além de ti, lá onde o Outro fez sua morada. Não adianta querer seguir o "caminho dos ladrões" porque é de ti mesmo que roubas. Mas saibas que o "caminho do homem" é apenas um caminho, pois tudo depende de teu fôlego em suportar a busca que começa onde começa o teu desejo. É de lá que partes. E estás sózinho.

Tu és um ser estranho, Zaratustra. Tens tentáculos que vão e voltam, mas tudo que trazes de volta saiu mesmo de ti. Isto que os homens chamam "libido", esse mel com que te lambuzas todo, é a substância do mundo, com a qual brincas de existir.

Ora, Zaratustra, um guerreiro não brinca com a verdade, e tua verdade se chama mulher. Enquanto tu não a enxergas, ela vai multiplicando os filhos da paixão. Como um menino tu bates os pés no

chão e dizes: eu quero! Não vês que essa que te levanta e te pega no colo é sempre a mãe, e não a mulher? Quando deixarás dessas bobagens? Depois não te queixes de seres, para a mulher "só um meio; o fim é sempre o filho". Se te manténs como filho... como podes querer conhecer a mulher? Primeiro há que te tornares homem.

Tens tentado, durante esse tempo, apenas seduzir a mulher, com palavras preciosas: "que a vossa honra consista em vosso amor..." e bem depressa corres e te encolhes de medo do seu ódio: "que o homem tema a mulher quando ela odeia!" Porque o ódio da mulher mata. E tu sabes disso.

Tens evitado ir ao fundo de tua "alma profunda", lá onde "seu caudal ressoa em cavernas subterrâneas", porque suspeitas que lá habita tua verdade. E ela é por demais luminosa para teus olhos sonolentos, por isso preferes mantê-la "na superfície", sob o jugo do teu chicote.

Mas, a verdade é insinuante. E tu a reconheces por lampejos ocasionais, quando, na vertigem dos prazeres, na voragem da paixão, tu te confundes com tua imagem ao ponto de dissolvê-la num êxtase que vai além de ti. Assombrado, sob o peso desta "tremenda verdade", tu a renegas — a verdade? a mulher? — e a amaldiçoas. E lanças a tua sentença, teu brado de morte: "vais ter com mulheres? Não esqueça o chicote!".

Mas, não vês que a ti mesmo que chicoteias, Zaratustra?

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline, *O que é o Feminismo*. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- AULAGNIER, Piero, *A violência da interpretação: Do Pictograma ao Enunciado*. Imago, Rio de Janeiro, 1979.
- AZEVEDO, Maria Amélia, *Mulheres Espancadas: a Violência Denunciada*. Cortez, São Paulo, 1985.
- ASSOUN, Paul-Laurent, *Freud, a filosofia e os filósofos*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978.
- BADINTER, Elizabeth, *Um é o outro*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
- BADINTER, Elizabeth, *O mito do amor materno*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.
- BATAILLE, Georges, *O erotismo: o Proibido e a Transgressão*. Moraes Editores, Lisboa, 1980.
- BLIKSTEIN, Isidoro, *Kaspar House ou a Fabricação da Realidade*. Editora Cultrix e Editora da USP, São Paulo, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.), *Colcha de Retalhos, Estudos sobre a família no Brasil*. Brasiliense, São Paulo, 1982.
- BRENNER, Charles, *Noções Básicas de Psicanálise*. Imago e Editora da USP, São Paulo, 1975.
- BRUSCHINI, Maria Cristina e ROSENBERG, Fulvia (org.), *Vivência: História, Sexualidade e Imagens Femininas*. Brasiliense, São Paulo, 1980.
- BARTHES, Roland, *Tratado de Semiótica Geral*. Lumen, Barcelona, 1972.
- BARTHES, Roland, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981.
- BEAUVOIR, Simone, *O segundo sexo*. 2 vols., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- BERLINCK, Manoel (org.), *O desejo na Psicanálise*. Papyrus, Campinas, 1985.
- CECCHINATO, Durval (coord.), *A clínica da Psicose*. Papyrus, Campinas, 1985.
- CHAUÍ, Marilena, *O que é Ideologia*. Brasiliense, São Paulo, 1986.

- CHAUÍ, Marilena, *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo*. Brasiliense, São Paulo, 1981.
- CHAUÍ, Marilena, *Repressão Sexual: essa nova [des]conhecida*. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- CLÉMENT, Catherine, *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*. Ed. Moraes, São Paulo, 1983.
- COHN, Gabriel, Weber, Nietzsche e a crítica dos valores in: *Crítica e Resignação: Fundamentos da Sociologia de Max Weber*. T.A. Queiroz Editora, São Paulo, 1979.
- COLLANGE, Christiane, *Eu, sua mãe*. Rocco ed., Rio de Janeiro, 1985.
- COSERIN, E., *Princípios de Semântica Estrutural*. Gredos, Madrid, 1977.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, *O Anti-Édipo*. Imago, Rio de Janeiro, 1976.
- DOLTO, Françoise, *No jogo do desejo*. Zahar, Rio de Janeiro, 1984.
- FLEURY, Mara, *Uma flor para os malditos*. Papirus, Campinas, 1983.
- FOUCAULT, Michel, *História de Sexualidade*. 2 vols. Graal, Rio de Janeiro, 1984.
- FRIEDAN, Betty, *A segunda etapa*. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1981.
- FREUD, Sigmund, *Obras completas*. 3 vols. Biblioteca Nueva, 4a. edição, Madrid, 1981.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Sueli, *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes, Petrópolis, 1986.
- HITE, There, *O relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. Difel, São Paulo e Rio de Janeiro, 1980.
- JONES, Ernest, *Hamlet e o Complexo de Édipo*. Zahar, Rio de Janeiro, 1970.
- LACAN, Jacques, *O Seminário, livro 1*. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
- LACAN, Jacques, *O Seminário, livro 2*. Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
- LACAN, Jacques, *O Seminário, livro 20: Mais, Ainda*.
- LACAN, Jacques, *Escritos*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978.
- LACAN, Jacques, *A família*. Assírio e Alvim Sociedade Editorial e Distribuidora Ltda., Lisboa, 1984.
- LEMAIRE, Anika, *Jacques Lacan: uma introdução*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1982.

- MOISÉS, Perrone Leyla, *Fernando Pessoa: Aquém do eu, além do outro*. Martins Fontes, São Paulo, 1982.
- MORENTE, Manuel Garcia, *Fundamentos de Filosofia*. Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1976.
- MICELA, Rosaria, *Antropologia e Psicanálise: uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade*. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- NASIO, João David, *Formações do objeto "a"*. texto inédito.
- NASSIM, Sonia, *A Diferença Sexual*. Ed. Aoutra, Rio de Janeiro, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich W., *Assim falou Zaratustra*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.
- NIETZSCHE, Friedrich W., *A Genealogia da Moral*.
- NOGUEIRA, João Carlos, *O inconsciente e a Linguagem na Compreensão do homem*. Cortez e Moraes, São Paulo, 1978.
- OLIVEIRA, Lázaro Sanches, *Masculinidade, Feminilidade e Androgínia*. Achiamê, Rio de Janeiro, 1983.
- RICOEUR, Paul, *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Imago, Rio de Janeiro, 1977.
- ROGERS, Natalie, *A Mulher Emergente*. Martins Fontes, São Paulo, 1983.
- SAFOUAN, Moustapha, *A Sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Zahar, Rio de Janeiro, 1977.
- SAFOUAN, Moustapha, *Jacques Lacan e a Formação dos analistas*. Ed. Artes Médicas, Rio Grande do Sul, 1985.
- SAFOUAN, Moustapha, *Angústia, Sintoma e Inibição*. Papirus, Campinas, 1986.
- SCUTERI, Roberto, *Lilith, A Lua Negra*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.
- STRAUSS-LEVY, *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977.
- STUDART, Heloneida, *Mulher, objeto de cama e mesa*. Vozes, Rio de Janeiro, 1974.
- SUPLICY, Marta, *De Mariazinha a Maria*. Vozes, Petrópolis, 1986.
- TUCKER, Patrícia e MONEY, John, *Os papéis Sexuais*. Brasiliense, 1981.
- VASCONCELLOS LEITÃO, Eliane, *A mulher na língua do povo*. Achiamê, Rio de Janeiro, 1981.
- VICHNEVA-SARAFANOVA, Natalia, *O mundo da mulher soviética*. Ed. Revan, Rio de Janeiro, 1985.
- WOLF, Virginia, *Um teto todo seu*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.